

203
EUSTACHIDOS:
POEMA SACRO,
E
TRAGICOMICO,

Em que se contém

A VIDA

DE

S.^{TO} EUSTACHIO
MARTYR,

Chamado antes

PLACIDO,

E de sua Mulher, e Filhos.

POR HUMANONYMO,

Natural da Ilha de Itaparica,

TERMO

Da Cidade da Bahia.

D. A D O A L U Z

POR HUM DEVOTO DO SANTO.

PROLOGO

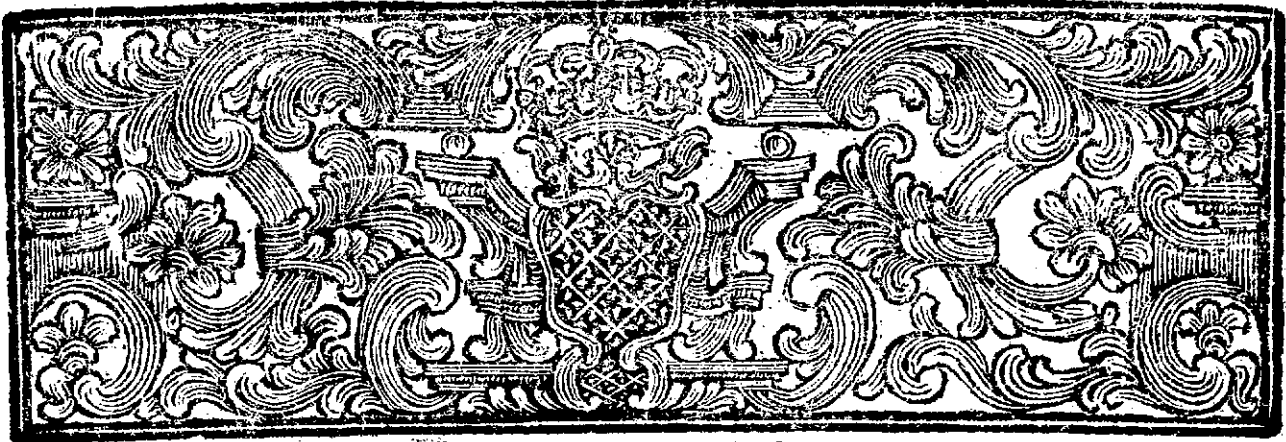
A quem ler.

A Migo Leytor , que tal te confidero , pois abres livro de versos para ler , no que mostras , que hes inclinado a elles ; porque só quem sabe da Arte , a estima. Saberás , que lendo eu nos meus primeiros annos a Vida de Santo Eustachio , e considerando os periodos admiraveis della , tive hum grande desejo de a escrever em livro particular , e em metro , cuja cadencia , e consonancia causa mais deleitação aos Leytores. Muitas vezes no decurso de minha vida quiz lançar fóra este pensamento , attendendo à minha insufficiencia , e outras occupaões , mas nunca o pude deixar em muitos annos , até que Deos foy fervido , que désse cumprimento ao meu desejo. Bem sey , que repararás não declarar o meu nome , ao que respondo , que não busco gloria para mim , mas só a accidental para o Santo , e mover aos que lerem á devoção ,

imitação, paciência, fortaleza, e conformidade nos contratempos, e infortunios desta miseravel vida. Porém como sabes da minha Pátria, sendo esta huma pequena Ilha, com pouca, ou nenhuma literatura, com muita facilidade, se quizeres, podes vir em conhecimento do Author.

V A L E.

EUSTA.



EUSTACHIDOS.

ARGUMENTO.

*Andando à caça Placido soldado,
Correndo atraz de hum cervo, que regia,
Delle nas pontas vio crucificado
A Jesu Christo Filho de Maria:
Sendo do mesmo Deos admoestado,
E já lavado na sagrada pia,
Com a mulher, e filhos, que o imitáraõ,
Para o Egipto pobres se embarcáraõ.*

CANTO PRIMEIRO.

I.



PRIMEIRA causa, Deos Omnipotente,
Na Essencia Hum, e em Pessoas Trino,
Que sois por atributo o mais clemente,
E da justiça manancial Divino,
Por vós chamo prostrado, e reverente,
Vosso influxo me day, como imagino,
Porque sem elle nada escrever posso
Em gloria accidental de hum servo vosso.

A

II.

II.

A vida de hum famoso Heroe Romano,
 E de hum Varaõ fortissimo, e valente,
 Que o vestido do seculo profano
 Trajou como sayal de penitente,
 Depois, que aquelle rayo soberano,
 O peito lhe abrazou com chamma ardente,
 E nos casos de dor, pena, e tormento,
 Foy o segundo Job no sofrimento.

III.

Placido digo, aquelle, que no estudo
 Da soldadesca sempre cuidadoso,
 Soube muy bem usar do arnez, e escudo,
 Para alcançar martyrio glorioso,
 E despresou do vil terreno tudo
 Para subir ao Olympo pressuroso,
 Em verso heroyco cantarey ufano
 Com a lyra de Orfeo, voz do Thebano.

IV.

X Et tambem os seus filhos, e a consôrte,
 Esta valente, e aquelles esforçados,
 Que mereceraõ ter a dita, e lorte
 De serem com martyrio coroados,
 Dando na vida, e gloriosa morte
 Exemplo de guerreiros, e soldados,
 Lugar quero, que tenhaõ em meu verso,
 Para que se divulguem no Universo.

V.

Vós, que ab æterno fostes decretada,
Santa Maria Virgem sempre pura,
Para que fosses Genitrix sagrada
Do Redemptor da humana creatura,
Sede a minha Calliope invocada,
E eu prometto cantar com tal doçura,
Que a minha lyra mova os mesmos montes,
Amanse as féras, retrodusa as fontes.

VI.

Illustray pois, Santissima Maria,
O meuy humilde, e rude entendimento,
Que sem a vossa ajuda, e a vossa guia,
He frustrado o desejo, he vaõ o intento:
Day-me Celeste Musa, a harmonia
De hum estyllo elegante, e alto conuento,
Prestay-me vosso auxilio, e favor santo,
Porque sem elle naõ me atrevo a tanto.

VII.

Em hum ligeiro bruto, que tocava
A Terra, e o ar rompia em breve instante,
E de Flora as alfombras arrancava
Das unhas com o som quadrupedante,
Cujos furor robusto refreava
A suppressaõ da rémora brilhante,
Placido ayroso com valor subia,
E as montanhezas féras perseguia.

EUSTACHIDOS,

VIII.

De luzido aço ayrosamente armado,
Com murice mais fino tambem se orna;
Que ou he Adonis já daquelle prado,
Ou para parecer Marte se adorna:
Já no galante, já no denodado
Tanto temor influe, e amor soborna,
Que os brutos da mesma horrída espessura
Lhe obedecem de medo, ou de brandura.

IX.

Naõ taõ bizarro Demophonte gira
De Rhodope a espessura, o monte, e o prado;
Nem taõ galante ao bosque se retira
Hum, que já foy dos caens despedaçado:
Menos ayroso ao cervo setta atira,
Esse, que foy de Cytherea amado,
Quando fugindo do Troyano estrago
Dido acompanha aos montes de Carthago!

X.

Os caens odoros, Zefiros volantes
Da companheira turba estimulados,
Raivosamente pela branha errantes
Correndo andavaõ de latir cançados:
Retumbando hiaõ gritos sibilantes
Dos caçadores do suor banhados,
Huns vagarosos já, e outros ligeiros,
Por valles huns, e outros por outeiros.

XI.

X

XI.

Aqui apparece o Javalî cerdoso,
 Terror da brenha, assombro do Erimanto,
 Alli resurge o lobo cauteloso,
 Que huivando causa a todo o bosque espanto:
 De outra parte o leão sahe generoso,
 Parando hum pouco, e não medroso tanto,
 Corre tambem a fera com ruido,
 Em que já Acteon foy convertido.

XII.

Entre estas Feras mais se assinallava
 Hum fervo de grandissima estatura,
 Que as arvores silvestres sopeava,
 E decorria ayroso a espessura:
 Para Placido manso se chegava,
 Não com furor, com mostras de brandura,
 Elle fazendo o arco retrocido,
 Quando cuidou ferir, ficou ferido.

XIII.

Delle nas meyas Luas bem crescidas
 Vio (oh protento, e maravilha rara!)
 Entre chammas de luzes espargidas,
 Luzes, que a alma fazem tambem clara,
 Ao mesmo Redemptor, que com feridas
 Sacrosantas, signais do que já obrára,
 No madeiro da Cruz pregado estava,
 E sendo Deos ao homem se mostrava.

XIV.

XIV.

C'hum tom de voz sevéro, mas benino,
 Que o penedo mais duro abrandaria,
 Por modo humano, sendo em si divino,
 Começou a fallar, e assim dizia:
 Placido, onde te leva o desatino?
 Onde te arrasta a leza fantasia?
 Porque razão persegues taõ tyranno
 Quem sendo Deos, por ti se mostra humano?

XV.

Eu sou aquelle Deos Omnipotente,
 Que o Ceo, e a Terra produzi de nada,
 Immenso, eterno, sabio, e independente,
 Por quem toda esta Esfera he governada;
 E naõ só esta machina apparente,
 Que vês cos olhos, foy de mim formada,
 Mas além de crear todo o visível,
 Fuy Creador tambem do invisível.

XVI.

X
 Sou o que fou, e o que heide vir, amado
 Do Padre, de quem pelo entendimento
 Procedo, feito naõ, porèm gerado,
 Comsubstancial, e tenho à Dextra assento:
 Na pessoa distincto, e separado,
 Porèm a essencia sem apartamento,
 Porque a natureza he simplicissima,
 Huma, infinita, a mesma, essencialissima.

XVII.

XVII.

A' natureza humana cá na Terra
Hypostaticamente fuy unido,
Porém huma pessoa só se encerra
Nas naturezas duas, que hey contido:
Ao soberbo do Ceo vim fazer guerra,
Que por tal foy do Empyreo descaido,
E por riscar a mancha em que culpado
Se houve effe, que do limo foy formado.

XVIII.

De huma May Virgem pura fuy nascido,
E entre os homens com elles fuy creado,
De hum discipulo falso fuy vendido,
E por fim nesta Cruz crucificado:
Nella me chego a ti compadecido,
Que no letargo vives do peccado,
Lavate pois creatura (inda receas?)
No sangue, que emanou de minhas veas.

XIX.

Oh de Deos summa, e incognita riqueza,
Cujos juizos não se comprehendem!
Oh ineffavel, e sem fim grandeza,
A qual as creaturas não entendem!
Oh sapiencia da Suprema Alteza,
Investigavel aos que vos pertendem,
Cujos caminhos sem haver fallencia,
Transcendem toda a humana intelligencia.

XX.

Oh Capitão Romano , que bemdito
 Foste , pois Christo à Gloria te convida ;
 E mereceste lá ab æterno escripto
 Ser em o livro , que Deos fez da vida !
 Tu tambem , cervo , não fiques prescripto
 Em meus versos , mas antes te appellida ,
 Não como o bruto de Jove embusteiro ,
 Como penha fim do verdadeiro.

XXI.

De Atlante lá mentio a Antiguidade ;
 Que com valor robusto , e força brava
 Do mesmo Olympo o pezo , e gravidade
 Sobre seu grande corpo carregava.
 Ainda que isto não fora falsidade ,
 O teu esforço , mais se aventajava ;
 Porque elle sustentou o Ceo superno ;
 E tu dos Ceos o Creador Eterno.

XXII.

A's palavras do Oraculo Divino
 Suspenso ficou Placido , e turbado ;
 Sem voz , sem força , sem vigor , sem tino ;
 Immovel , cego , attonito , e palmado ;
 Mas como aquelle rayo crystallino
 O coração lhe tinha allumiado ,
 Com branda voz pedio , que lhe dissesse
 Aquillo , que queria , que fizesse.

XXIII.

CANTO I.

XXIII.

Qual o Tarsente moço, Heroe ingente,
Quando para Damasco caminhava,
E para perseguir de Christo agente
De seu Principe as letras estimava,
Olhando hum rayo de esplendor ardente,
Que o coração escuro lhe illustrava,
Responde quando a inspiração abraça,
Senhor, dizey-me, que quereis que faça.

XXIV.

Assim Placido disse; e o amoroso
De David filho logo lhe tornava,
Que abjurasse o rito fabuloso
Do gentelismo cego, em que estava;
E que partindo logo cuidadoso
Effeituasse, como lhe ordenava,
O que lá do Jordão nas agoas frias
O Unigenito fez de Zacharias.

XXV.

E que depois, que a alma se lavasse
Da nodoa, que causou a serpe impia,
Aquelle monte, e bosque se tornasse,
Onde segunda vez lhe fallaria.
Foy-se a visão, e para que inflammasse
O coração de gozo, e alegria,
Murchando a luz de Phebo no Orizonte,
Rayo o bosque ficou, luzeiro o monte.

XXVI.

A montaraz Caterva , que accusado
 Já tinha brutos , e cançado perros ,
 Depois dos campos terem assolado ,
 Vagado os montes , povoado os ferros ;
 Com caça pingue de sylvestre gado ,
 Huns mortos , e outros captivando em ferros ;
 Ignaros do prodigio se apartáraõ ,
 E para seus Penates caminháraõ.

XXVII.

Placido só tambem restituia
 Ao domicilio os passos diligentes ;
 Que a chamma ardente , que o consumia ;
 Demóras não permite impertinentes :
 Já chegava ao portal , e já se abria ,
 Quando a conforte , e filhos de contentes
 Pedem , aquella os candidos Arminhos ,
 Estes os cervos tenros , e os Leoensinhos.

XXVIII.

Elle banhando o rosto de agoa amara ,
 E lá do peito interno suspirando ,
 E como que da caça lhe pezára ,
 Ou que lhe succedéra hum caso infando ,
 (Sendo , que era a flammante luz , e clara ;
 Que o coração lhe estava penetrando ,)
 Para os filhinhos tenros , e a conforte
 Disse com voz ferenna desta fórte :

XXIX.

Queridos filhos meus , e esposa amada ,
Vossa attençaõ agora mais me affista ,
Sabey , que a creatura he acertada ,
Que na milicia de hum só Deos se allista :
A nossa Ley he falta , torpe , e errada ,
Que para eternas penas nos conquista ,
Abri os olhos (naõ do corpo) da alma ,
Que estaõ postos em huma escura calma.

XXX.

Jove naõ foy , nem he omnipotente ,
Mas vá mentira , e fabula sonhada ,
Que poderoso he só o independente ,
Que o Ceo , e a Terra produzio de nada .
Quem tem juizo claro vê prudente ,
Que he isto huma chimera imaginada ,
Que Jupiter , Saturno , e os subseqentes
Foraõ homens mortaes , e incontinentes.

XXXI.

Mas a malicia pérfida , e inimiga
Desles nossos primeiros Ascendentes ,
Por ser no Mundo todo muito antiga
A usança de peccarem por scientes ,
Seus Deoses inventou , para que diga
A Fama foraõ homens sapientes ,
Sendo , como apparece na verdade ,
Tudo mentira , engano , e falsidade.

XXXII.

Se pois, ó filhos, e conforte dina,
 Tendes juizos claros, e inteiros,
 Abraçay logo a inspiraçaõ divina,
 Sahy de taõ nojosos atolleiros.
 Crede-me porque he certo, que se atina,
 Em sendo os argumentos verdadeiros,
 Que a mentira se apaga com a verdade,
 Como desfaz à sombra a claridade.

XXXIII.

Aquelle, que da Virgem foy nascido,
 Cuja ley até agora não quizemos,
 Este no monte me há apparecido,
 Para que a nossa falsa desprezemos;
 E como he muito bom, compadecido
 Benignamente manda, que tratemos
 De nos lavarmos na agoa causativa
 Daquella graça regenerativa.

XXXIV.

Assim Placido disse, e concordando
 Cathecumenos, na agoa se banháraõ,
 E outros nomes os filhos desprezando
 Theopisto, e Agapito se chamáraõ:
 Elle, e a conforte os seus dissimulando,
 Em Theopista, e Eustachio os renováraõ,
 Que se as pessoas velhas despediaõ,
 Tambem do antigo nome desistiaõ.

XXXV.

Depois, que se lavou na sacra fonte,
 No bosque Eustachio a Deos obedecia,
 Onde admirou de luz hum Orizonte
 Mais refulgente, que a do Meyodia:
 Prostrado sobre a face, vio defronte
 Aparecer o Filho de Maria,
 Que affavelmente lhe fallou benino,
 Tornando a terra, o vento, e o ar divino.

XXXVI.

Eustachio, disse, pois que já tornado
 Estás a meu rebanho, eu te bendigo,
 E se viveres sempre acautellado,
 Efficazmente assistirey contigo;
 Mas quem quizer viver comigo atado,
 Adverte, que não póde estar comigo,
 Que o que a si mesmo cá mais aborrece,
 A minha essencia lá ver mais merece.

XXXVII.

E para que melhor teu fim profigas,
 E tenhas nelle alguns merecimentos,
 Padecerás trabalhos, e fadigas,
 Angustias, penas, dores, e tormentos:
 Não desmayes, porém com valor figas
 Quantos te dér o mundo sentimentos,
 Porque hade em ti fazer cruel fereza
 O tentador da humana natureza.

XXXVIII.

XXXVIII.

Olha aquelle varaõ de Hus paciente,
 Quantos trabalhos vio, quanta crueza,
 Sendo taõ grande entre outros do Oriente
 Na que os humanos tendes por riqueza:
 Exemplo toma d'elle, naõ semente
 Na que depois soffreo summa pobreza,
 Porèm em tudo o mais, de que privado
 Foy, que por mim será recompensado.

XXXIX.

Calou-se, e hum globo de esplendor ardente
 Cobrio o monte de luzidas flammaz:
 Oh luz Divina, oh rayo refulgente,
 Que assim os nossos coraçoes inflammaz!
 Naõ taõ radiante o mesmo Sol luzente
 Accende antorchas, desperdiça chammas,
 Nem taõ alegre multiplica olores
 A Aurora quando recuscita as flores.

XL.

Eustachio levantando-se da terra
 Valente Capitaõ, soldado forte,
 Se armou de forças, para entrar na guerra,
 E desprezar ainda a mesma morte:
 Todo o temor do peito já desterra,
 Expoem-se a toda incontestavel forte,
 E para resistir desta à inclemencia
 He arnez o estorço, escudo a paciencia.

XLI.

A seus Penates logo se retira
Feito Atalaya de seus propios damnos,
Argos de penas poz muito alta a mira
Neste, que o mundo nos fabrica enganos;
E para que o successo menos fira,
Prégar começa aos seus os defenganos,
Que aquellas settas, que antes são sabidas,
Não ferem tanto, quando são sentidas.

XLII.

Confórte amada, filhos meus queridos,
Prendas doces do amor, sabey, que temos
Penas, e dores, que sentir feridos,
He bem, que fortes nesta luta entremos;
Mas se de Deos por filhos recebidos
Estamos, nelle só confiaremos,
Pois de tudo hade ser mercadoria
Aquelle summa incognita alegria.

XLIII.

O enganador da humana natureza,
Leão voraz, que os peccadores traga,
Em nós hade empregar sua crueza,
Para que à extrema perdição nos traga:
Ao seu veneno, e infernal fereza
A paciencia ponde por triaga,
Porque he contrario à dor, e ao tormento
Hum resignado, e firme soffrimento.

XLIV.

XLIV.

Assim deo fim a pratica , e passados
 Poucos dias sentiraõ a inclemencia
 Daquelle, que os do Mundo allucinados
 Chamaõ fortuna, sendo providencia :
 De todos os amigos desprezados,
 Que se conservaõ só pela oppulencia,
 De todos os haveres falta a copia,
 Padecendo huma extrema, e vil inopia.

XLV.

Porque de pestilencia desuzada
 Criados , e criadas lhes morreraõ ;
 E os muitos gados de huma, e outra manada
 Todos da mesma peste pereceraõ :
 De outra doença crua, e depravada
 Os animaes Neptunos feneceraõ,
 E experimentáraõ tanto de pobreza,
 Quanto possuiaõ antes de riqueza.

XLVI.

Vendo-se assim afflictos pertenderaõ
 Deixar o Patrio chaõ por rigoroso,
 E a Provincia, que banhas, escolheraõ
 Por bocas sete, ò Nilo furioso :
 Em fim depois, que lagrimas verteraõ,
 Chegando ao porto sempre saudoso,
 Em hum Navio furto se embarcáraõ,
 E as anchoras tenaces se leváraõ.

XLVII.

Por meyo destes asperos caminhos ;
Resignação , pobreza , e paciencia
Se fazem os Christãos de Deos visinhos ;
Para poderem ver a summa Essencia :
Não repousando sempre entre os arminhos ,
Nem submersos na fea incontinnencia
Dagula , que aos que tem razão os torna
Brutos , e para o vil vicio os suborna.

XLVIII.

Naõ postos no descanso arremedando
Sómente a pueril occiosidade ,
Naõ o respeito , e gloria procurando ;
Ao que muito Philaucia os persuade :
Naõ perseguindo o triste , e miserando ;
Naõ aspirando à honra , e à dignidade ,
Sem saber , que os que mais as appetecem ;
Aquelles são , que menos as merecem.

EUSTACHIDOS.

ARGUMENTO.

*Naõ podendo o demonio ter paciencia
De ter deixado Eustachio a idolatria ;
Ao Piloto tentou , que com violencia
Lhe tomasse a esposa , que trazia.
Elle da sua dor pela vehemencia ,
Entre mil rogos lagrimas vertia ,
Porèm naõ sendo do Piloto ouvido,
Despresado ficou , triste , e sentido.*

CANTO SEGUNDO.

I.

JA' a nadadora , e concava carina
Partia espumas nitidas de argento ,
Vangloriando em Aula Neptunica
Ave de pinho ayroso movimento ;
E profanando a pompa crystallina ,
De linho as azas lhe assoprava o vento ,
Fazendo no vigor , com que respira
Voar hum tronco em campos de Zaphira.

II.

O nauta rude , o passageiro triste ,
Este faudoso , aquelle de contente ,
Lassa a cabeça no convez persiste ,
Sobe ligeiro o aspero rudente :
Tudo sem ordem , e confuso assiste ;
Quando o Piloto na arte diligente
Convoca a todos , porque ver queria
Quantas pessoas em a Náo trazia.

III.

Em quanto isto se passa no Navio,
Lucifer infernal, Plutaõ horrendo,
Que desque se banhò no sacro rio
Eustachio estava de furor ardendo,
Oppondo todo o seu veneno, e brio,
E com ahullidos funebres gemendo,
Quer estorvar aos pobres Peregrinos,
Que não profigaõ seus santos destinos.

IV.

Jaz no centro da Terra huma caverna
De aspero, tosco, e lugubre edeficio,
Onde nunca do Sol entrou lucerna,
Nem de pequena luz se vio indicio.
Alli o horror, e aflombra he sempiterna
Por hum pungente, e funebre artificio,
Cujas fenestras, que tu Monstro inflammas,
Respiradouros saõ de negras chammas.

V.

Rodeaõ este Alcaçar desditofo
Lagos immundos de palustres agoas,
Onde hum tremor, e horror caliginoso
Penas descobre, desentranha mágoas:
Fontes eladas, fumo tenebroso,
Congelaõ ondas, e machinaõ fragoas,
Mesclando em hum confuso de crueldades
Chammas a neve, o fogo frieldades.

VI.

Ardente serpe de sulfureas chammas
 Os centros gira deste Alvergue umbroso,
 Saõ as faiscas horridas escamas,
 E o fumo negro dente venenoso :
 As lavaredas das volantes flammias
 Azas compoem ao Monstro tenebroso,
 Que quanto queima, despedaça, e come,
 Isso mesmo alimenta, que consome.

VII.

Hum negro arroyo em pallida corrente
 Irado alli se troce taõ furioso,
 Que he no que morde horrifica serpente,
 E no que inficiona Aspid horroroso :
 Fétido vapor, negro, e pestilente
 Exhalla de seu seyo taõ raivoso,
 Que lá no centro sempre agonizado
 De peste, e sombras mostra ser formado.

VIII.

As densas nevoas, as oppacas sombras
 Tanto encapotaõ a asperesa inculta,
 Que em negra tumba, funebres alfombras
 Parece a mesma noite se sepulta :
 Fantasmas tristes, que tu Herebo assombras,
 Terrores causaõ onde mais avulta
 O rouco som de ahullidos estridentes,
 O triste estrondo do ranger dos dentes.

IX.

Angustias, dores, pena, e sentimento,
 Suspiros, ancias, e penalidades,
 Gemidos tristes, e cruel tormento,
 Furores, raivas, iras, e crueldades,
 Em hum continuado movimento,
 Por todo o tempo, e todas as idades
 Tanto a materia, que criaõ, destroçaõ,
 Quanto a materia, que destroem, remoçaõ.

X.

Revolvendo-se em chammas crepitantes
 Alli está Judas n'hum cama ardente,
 No coração tem viboras flammantes,
 Na lingua hum Aspid feyo, e pestilente
 Geme, e suspira todos os instantes,
 Blasfema irado, ruge impaciente,
 Tendo a seu lado Herodes, e Pilatos,
 Anás, Caifás, e outros mentecatos.

XI.

Jaz em hum lago graviolente, e immundo
 O Architectario Arabigo, e Agareno,
 Que perdiçaõ quiz ser de quasi hum Mundo,
 Patrocinando o vicio vil terreno:
 De huma parte submerso no profundo,
 De si mesmo furor, peste, e veneno,
 Está Calvino, e de outra agonizando,
 Luthéro em fogo, e agoa ardendo, e elando.

XII.

XII.

Prezo n'hum Calabouce tenebrofo
 Está Alexandre em hum nevado rio;
 Que ainda agora por muito cobiçoso
 Temem queira do inferno o senhorio:
 Em hum volcão de chammas horroroso
 Estaõ Bello, Xerxes, Scevola, e Dario,
 Aurelio, Cesar, e Domiciano,
 Augusto, Nero, Tito, e Juliano.

XIII.

Em fim alli de todas as idades,
 De todas as Naçoens em defatinos
 Se vêm penar à força de crueldades
 Homens, mulheres, velhos, e meninos:
 Huns entre as neves, e as voracidades
 Do fogo ardente, e alguns entre os malinos
 Aspides, Butres, Viboras, Serpentes,
 Que os tragaõ, e consomem com seus dentes.

XIV.

Mas quanto póde a humana fantasia
 Cuidar desta masmorra horrenda, e escura,
 E quanto póde a livre Poezia
 Fingir em vã, e apochripha pintura,
 He huma boa, e propria allegoria,
 Com huma Metaphorica escultura,
 Que o inferno só confiste, e o vil gozano
 Na pena dos sentidos, e do damno.

XV.

Em o mais alto deste solido infando,
 Em hum throno de chammas sempre ardentes
 Jaz Lucifer, a quem estaõ tragando
 Aspides negros, serpes pestilentes;
 Elle com ira, e com furor bramando
 Se despedaça com agudos dentes,
 Sendo para seu damno, e eterno fado
 De si proprio Fiscal, e Algoz irado.

XVI.

Viboras por cabellos cento a cento,
 Por olhos tem dous Ethenas denegridos,
 Por boca hum Cocodrillo troculento,
 Por maõs dous Baziliscos retrocidos,
 Por cerebro a soberba, e o tormento
 Por coração, por membros os latidos,
 Por pernas duas cobras sibilantes,
 Por pés dous Mongibellos tem flammantes.

XVII.

Aquillo mesmo crê de que duvida,
 Tem fastio do mesmo, que appetece,
 O que não quer para isso se convida,
 E affecta aquillo tudo, que aborrece:
 Quando quer repousar entaõ mais lida,
 Quando abrandar-se muito se enfurece,
 Ancias saõ gostos, penas de affogo,
 Por fogo a neve tem, por neve o fogo.

XVIII.

XVIII.

Tudo isto he hum desenho bem tirado,
 De que costuma usar a Poezia,
 Para pintar hum corpo só formado
 Nas immaginaçoens da fantasia;
 Que Luzbel foy espirito creado
 Por Deos, lá da suprema Hyerarchia,
 Não tem corpo, nem carne, e se apparece
 Por aerio em tal fórma se conhece.

XIX.

Esta pois Serpe impia, e monstro horrendo,
 Com rouca voz, e lugubres mugidos
 Chama hum Ministro, e manda, que correndo
 Aos mais convoque, que andaõ espargidos;
 Porque na fantasia revolvendo
 Segredos varios, casos succedidos,
 Quer, que presentes se achem em consulta,
 E saber do conselho o que resulta.

XX.

Logo o infernal Mercurio se affomava
 Mais ligeiro, que o mesmo pensamento;
 E os Ministros das trevas convocava
 Para o Luciferino parlamento:
 A terra toda, o ar, e o mar tranava,
 E os circulos polares n'hum momento,
 Tocando huma bozina horrenda, e irada,
 Com que lhes dava a todos a embayxada.

XXI.

Já junto estava o horrendo Consistorio
 Em huns assentos de sulphureas chammas,
 Duvidando qual fosse o locutorio,
 Para o que Lucifer taõ presto os chama;
 Elle cuspiendo entaõ hum envoltorio
 De viboras, por todos as derrama,
 E a boca negra, e os olhos retrocendo,
 Começou a ulular assim dizendo:

XXII.

Juizes desta escura Monarchia,
 Que castigais ao que nos he contrario,
 Vós que no Mundo tendes valentia
 Para empecer a todo o Adversario,
 Sabereis, que hum, que a muito nos servia
 De nós se rebellou feito falsario,
 Aquelle he, que no monte allumiado
 De hum foy, que produzio todo o creado.

XXIII.

Já com summa pobreza, e com fadiga
 Lhe tenho dado penas, e tormento,
 Mas não posso fazer, que não prosiga
 O seu designio, e começado intento:
 Esta he a causa toda, que me instiga
 A chamar-vos em pleno ajuntamento,
 Para que algum, que for experiente
 Nos possa dar remedio competente.

XXIV.

Então Bcelsebuth chammas lançando,
 Disse c'hum tom de voz medonho, e grosso,
 Esse pérfido agora navegando
 Vay por livrar-se do dominio nosso:
 Eu já à muito nisto immaginando,
 Parece-me, que traça buscar posso,
 Para que totalmente destruido
 Seja, e ao nosso imperio reduzido.

XXV.

E he, que a algum daquelles, que navegaõ
 Com elle, o Capitaõ, ou o Piloto,
 E ainda a algum dos outros, que se entregaõ
 A' feminil lascivia, e vicio roto
 Desejos influamos, que se chegaõ
 A roubar-lhe a consorte, eu creyo, e noto,
 Que a ira, a raiva, a dor, e o vituperio
 Outra vez, o submeta ao nosso imperio.

XXVI.

E bem sabemos todos, que no Mundo
 Este he o veneno certo, e refinado,
 Que como o homem sempre affecta o immundo,
 He nestes laços prezo, e enredado:
 Este mil almas lança no profundo,
 Tem Reynos, e Cidades assollado;
 E de tudo isto seja immagem viva
 Troya queimada pela gente Argiva.

XXVII.

Vá pois Lusbel por ser mais diligente,
E a algum influa pensamento feyo,
Fazendo-o carniceiro incontinente,
Que a falta de consenfo eu não receyo.
Como hum trovaõ calou-se de repente,
E consentindo todos, que Correyo
Fosse Lusbel, tremeo o folio umbroso,
E o conclave deixáraõ tenebroso.

XXVIII.

Já neste tempo quasi numerado
Tinha o Piloto a gente, que levava,
Quando depois de a ter em rol tomado,
Se mais alguem havia perguntava;
Eustachio obedecendo ao seu mandado
Com Theopista se lhe apresentava,
Ella unindo a belleza à compostura,
Vinha realces dando a formosura.

XXIX.

Naõ taõ gentil sobrefaindo às flores
A que he Rainha, se descobre, e brilha,
Quando abrindo o botaõ, vertendo olores
De Flora he pompa, aos prados maravilha:
Naõ taõ formosa debuxando cores
A Aurora rasga a róscida mantilha,
Nem taõ galharda fae aquella estrella,
Que annuncios traz do Sol luzida, e bella.

XXX.

Apenas o Piloto a avistava,
 Quando chega Luzbel, e promptamente
 Na vontade influia, e asoprava
 Lascivia má, desejo pestilente,
 Já o calor as medullas lhe tostava,
 E intentou obrar paciente
 O que já lá em os antigos dias
 Marté a Vulcano fez, David a Urias.

XXXI.

Oh amor profano, oh erro delmentido,
 Aspid subtil, Harpia carcomida,
 Perdição da alma, engano conhecido,
 Ladrão do tempo, destruição da vida,
 Quem te adora, e te segue envelhecido,
 De tua hervada setta na ferida,
 Grosseiro ignora, que de tantos damnos
 Só se devem tirar os defenganos?

XXXII.

Entendendo o Patraõ o seu desejo,
 Tomado do veneno Luzbelino,
 Com audacia cruel, furor sobejo
 Roubou a Esposa ao pobre peregrino.
 Não de outra forte o perro com despejo
 Guarda o rebanho, sendo fidedino,
 Porém se sente estímulos da fome,
 A innocente ovelha traga, e come.

XXXIII.

Mas permittio a summa providencia
 De Deos, que consentio nesta jornada,
 E no fino chrisol da pasciencia
 Hia lavrando aquella Esposa amada,
 Ficasse em vaõ a fea incontinencia
 Do torpe navegante, e que illibada
 Vivesse sem offensa, ou prejuizo,
 Para lhe dar depois o Paraizo.

XXXIV.

Os nauticos Ministros, que isto viaõ,
 Os passageiros, que isto admiravaõ,
 Aquelles por malicia consentiaõ,
 Estes de medo, e assombro se calavaõ;
 Ou como a Ley de Christo naõ seguiaõ,
 E os torpissimos Deoses adoravaõ,
 Para elles foy cousa menos feya
 O Piloto tomar a Esposa alheya.

XXXV.

A pobre peregrina, que roubada
 Se via, e exposta a alguma feridade,
 Qual assucena branca desmayada
 Perdeo do rosto a cor, e claridade:
 Triste, queixosa, e em lagrimas banhada
 De sua forte sentia a crueldade,
 Porèm de ser Aurora naõ deixava
 Ainda quando perolas chorava.

XXXVI.

XXXVI.

Eustachio tendo à vista a sua affronta
 Valente Capitão, forte soldado,
 De quem, mais, que de algum, estava a conta
 Punir hum desaforo tão sobrado,
 Por armas o intentou, porém que monta?
 Que o Piloto tinha outros a seu lado,
 E contra muitos em rixosas lides
 Nem pode contender o mesmo Alcides.

XXXVII.

Morrer quizera como Varaõ forte,
 Por defender o seu preciso foro,
 (Que os do Mundo politicos por sorte
 A morte tem, se he dada por decóro)
 Porém temendo muito a eterna morté,
 Susteve o moto, e não o largo choro,
 E recordando o oraculo sagrado
 Paciente soffreo, e resignado.

XXXVIII.

Com lagrimas cuidou, que abrandaria
 O durissimo peito do Piloto,
 Porém quanto mais lagrimas vertia,
 Tanto mais duro estava, firme, e immoto:
 Se pedra fosse, já se desfaria,
 Se fosse bronze, sentiria moto,
 Mas o peito do pérfido, e perjuro
 Era que a pedra, e bronze inda mais duro.

XXXIX.

Com razoens convincentes lhe affeava
A infame acção , que comettido havia,
E com palavras brandas lhe rogava
Lhe desse a prenda , que elle mais queria;
Mas que importa, que quando lhe lallava
A hum Tigre era cantar de melodia,
E tinha a sua taõ justa proposta,
O furor , e ameaço por resposta.

XL.

Os filhinhos pequenos lhe mostrava
Deixados n'hum taõ triste defamparo,
Pois tirando lhe aquella, que os criava
Ficavaõ sem o maternal amparo:
Que era o unico alivio, que restava
Aos que seguiaõ hum desterro amaro;
Mas de balde, pois nunca o pranto, e o rogo
Apagar podem da lascivia o fogo.

XLI.

Já, já com sua voz rouca, e chorosa
O homem mais austéro abrandaria,
E com huma corrente lagrimosa
Os Hyrcanicos Tigres moveria:
Já com huma humildade dolorosa
O mais bravo Leaõ amansaria;
Porèm aquelle peito empedernido
Cada vez mais estava endurecido.

XLII.

XLII.

Os ventos, que estas lastimas sentiaõ
 Cessavaõ de assoprar esmorecidos,
 Os mares em que as lagrimas cahiaõ
 Deixavaõ de ondear compadecidos,
 Os peixes, que o seu largo pranto ouviaõ
 Naõ podiaõ saltar enternecidos,
 E o mesmo lenho, que sulcava os mares,
 Tambem gemia ouvindo os seus pezares.

XLIII.

Só o Bruto feroz, ou Tigre Hyrcano,
 A nada destas cousas se movia,
 Que se perdido houvesse o ser humano,
 Talvez, que já abrandado se teria;
 E assim he, porque há peito taõ tyranno,
 Que entre bronzes, e marmores se cria,
 Mas quem originou este veneno
 Lá procede do campo Damasceno.

XLIV.

Vendo-se Eustachio sem remedio humano,
 Poz a sua esperança no Divino,
 Que nunca falta a quem o defengano
 Fez desprezar o seculo malino:
 Com pena, dor, tristeza quasi infano,
 Pósto ao lado hum, e outro menino,
 Encostando-se a hum aspero rudente
 Começou a gemer amargamente.

XLV.

Qual pombinho triste, e magoado,
 Que a confortte do ninho lhe roubáraõ,
 E n'hum raminho secco, e desfolhado
 Os filhos tenrosinhos lhe deixáraõ,
 Geme arrulhando o solitario estado,
 Co as azas cobre os filhos, que ficáraõ,
 Tal Eustachio gemia, e suspirava,
 E os lagrimosos filhos affogava.

XLVI.

Entaõ chegando a elle hum passageiro
 Daquelles de mais claro entendimento,
 Lhe disse o lastimado companheiro,
 Razaõ te sobra para o teu tormento;
 Mas que naõ hes, bem sabes o primeiro,
 Que experimentou taõ grave sentimento,
 Porque se expoem à violencia dura
 Quem traz por companheira a formosura.

XLVII.

Mas inda assim desejo ter sciencia
 Dos motivos, e causas, que tiveste,
 Para que te expozesses à inclemencia
 Da fortuna, que agora padeceste:
 Que caso, que delgraça, ou que demencia
 Te moveo a fazer o que fizeste,
 Como he deixares hum Terreno rico,
 E passares a hum clima taõ longico?

XLVIII.

Dize-me agora pois, se te parece,
A tua Patria, e officio em que has vivido,
Que quem o quer saber se compadece
De te ver taõ magoado, e taõ sentido:
Dize-me mais que causa te moveffe
A navegar taõ pobre, e taõ despido,
Pois naõ deixaõ de fer alliviadas
As penas, quando saõ communicadas.

EUSTACHIDOS.

ARGUMENTO.

*Eustachio triste conta a hum passageiro
A sua Patria, e no que tinha vivido,
Atè chegar ao passo, em que o cordeiro
Jesu Christo lhe havia apparecido:
Experimenta na Não por derradeiro
Grande tormenta, e sendo despedido
Do cruel Piloto, foy desembarcado,
De seus dous filhos sendo acompanhado.*

CANTO TERCEIRO.

I.

A Gora vós, Theótos divina,
Verdadeira Calliope sagrada,
Que a mais perfeita fostes, e a mais dina
Entre a prole, que de Eva foy gerada,
Day-me naõ da Hypocrene, ou Caballina
O mentido licor, e agoa sonhada,
Mas dessa fonte de toda a sciencia
Ao engenho luz, à minha voz cadencia.

II.

Dos astros a celeste Monarchia
De escuras sombras já se encapotava,
E o Sol, que he Ephimera do dia
Em crystallina tumba morto estava:
Dos nautas desistia a gritaria,
Neptuno a seu Tridente se encoitava,
E o vento brandamente respirando
Hia de linho as azas alloprando.

E 2

III.

III.

Quando Eustachio os solluços suffocando,
 E supprimindo dentro o pranto ardente,
 Depois de estar hum pouco em si cuidando,
 Com branda voz, porèm balbuciente
 Responde assim. Pois deste miserando
 Saber a vida o teu amor consente,
 Tudo direy, porque esta amarga historia
 Já mais póde ter riscos na memoria.

IV.

Na Cidade Metropole do Mundo,
 Que em montes sete tem assento dino,
 Celio, Esquilio, e o Tarpeyo furibundo,
 Quirinal, Celiolo, e Palatino,
 Que n'hum curvado seyo, e naõ rotundo
 Semicirculo fazem no Aventino,
 A qual os dous irmãos edificáraõ,
 Que com leite de Loba se criáraõ.

V.

Nascy de illustres pays, e naõ grosseiros,
 Ricos dos bens mundanos, e abastados,
 Na Republica sua Cavalleiros,
 E de nobreza antiga bem dotados:
 No recto obrar naõ eraõ derradeiros,
 Que isto he, que faz os homens estimados;
 E o sangue nõbre mancha o valimento,
 Se he meclado com máo procedimento.

VI.

VI.

Em a primeira flor da tenra idade,
Onde são mais continuos os prazeres,
Aprendy com cuidado, e brevidade
A entender, e pintar os caracteres;
Mas depois, não obstante a variedade,
Que os pays costumão pôr nos pareceres,
Me inclinou o meu genio, e Patrio officio
Ao militar, e bellico exercicio.

VII.

Tratey de me alistar logo soldado,
E de aprender as artes da campanha;
Onde além do valor, e do cuidado
Se ha mister a industria, o engenho, e manha;
E por mais attender ao meu estado,
Prazer não tinha, nem gloria tamanha,
Como da paz nos breves intervallos
Alimpar armas, e adestrar cavallos.

VIII.

Depois de neste officio ter passado
Os mais floridos annos da idade,
E haver de meu progenitor herdado
De riquezas não pouca quantidade,
Em suave Hymeneo me vy atado
Co esta, que sente agora a crueldade
Da fortuna, e em delicias condecentes
Tive estes filhos, que aquy vês presentes.

IX.

IX.

Neste tempo da vida mais ameno
 O summo Emperador Vespasiano,
 Que (se assim he) foy morto com veneno
 Pelo invejoso irmão Domiciano,
 Me inquietou do descanso mais sereno,
 E por mostrar se em tudo soberano,
 Me elegeo Regedor da equestre gente
 Contra Hyerusalem Cidade ingente.

X.

Obedeci com mostras de obrigado,
 Ao supremo mandado agradecido,
 Que he grande indiscriçaõ mostrar turbado
 Naquillo o rosto, que hade ser cumprido:
 Neste Exercito entrey proporcionado
 Para offensivo ser, naõ offendido,
 Contra aquella Cidade delgraçada,
 Que foy por Jeremias taõ chorada.

XI.

Sem padecer temores, nem receyos,
 A grande, e longa marcha começamos,
 E vadeando rios entremeyos
 Deixando os fins da Europa na Asia entramos:
 Depois de varias voltas, e rodeos,
 A grande Ptolemaida passamos,
 E anhelando a presteza, e brevidade
 Démos vista dos muros da Cidade.

XII.

XII.

A Romana trombeta deo o primeiro
 Signal, e respondeo a gente Hebrea,
 Ouvio-se o som no Olivete outeiro,
 E por toda a montanha de Judéa:
 Hum povo por triumphante, e por guerreiro,
 E o outro pelo damno, que recea,
 Puxaõ pelas espadas relufentes,
 Que no ferir saõ rayos sempre ardentes.

XIII.

Dos cavallos o estrepido furioso
 Fundia a terra, as pedras se arrancavaõ,
 E os inimigos com tremor medroso
 Pulverulenta fuga machinavaõ:
 Huns envestiaõ com valor brioso,
 E outros batendo as crines respiravaõ
 Pelos narizes viraçaõ ardente,
 Mastigavaõ na boca a espuma quente.

XIV.

Já as ameas, e torres se assaltavaõ,
 Com furia grande, e impeto tremendo,
 As bandeiras abertas tremolavaõ,
 Soava do tambor o estrondo horrendo:
 As trincheiras, e fossos se escalavaõ,
 Os contrarios fugindo, e outros morrendo,
 E era no horror, affombro, e crueldade
 O valor rayo, a ira tempestade.

XV.

XV.

De densas fetas o ar se condensava
 Das meyas Luas ferreas facodidas:
 E de miudas pedras se obumbrava
 Pela circular maõ circumduzidas,
 A area dentre os pés se levantava,
 Vagando hiaõ as lanças impellidas,
 E n'hum confuso Eclipse, e tenebroso,
 Punhaõ à melma luz manto horroroso.

XVI.

Das Romanas trombetas os clangores
 Pelo contorno grande retumbavaõ,
 E com o horrivel som rijos clamores
 Os mesmos rios de vapor paravaõ:
 Os pequenos meninos com temores
 Nos regaços das mãys se desmayavaõ,
 E ouvindo o Eco irado, e som terrivel
 Temblava o sexo fraco, e mais sensivel.

XVII.

Da morte alguns fugindo, fea, e crua
 Aos lugares mais fortes se acolhiaõ,
 E outros passados com a espada nua
 No sangue a morte calida bebiaõ:
 Muitos nas torres, casas, praça, e rua
 Morrendo com valor se defendiaõ,
 E atè dos que nas covas se esconderaõ
 Alguns perpetuamente adormeceraõ.

XVIII.

XVIII.

Quaes as ovelhas lassas, e espargidas
No prado ameno, ao pé da clara fonte;
Se acontece, que saõ accommettidas
Dos lobos, que apparecem lá defronte,
Humas mortas ficaõ, e outras mal feridas,
Algumas fogem para a brenha, e o monte,
Taes as Judaicas gentes pereciaõ
Entre os Romanos, que se enfureciaõ.

XIX.

Muitos ao captiveiro se entregando,
Compaixaõ, e piedade nos pediaõ,
E a vida humildemente supplicando
Com promptidaõ as armas offerenciaõ;
Mas outros fortemente pelejando
Nos Fortins mais seguros resistiaõ,
Onde fizeraõ damnos dolorosos
Os aproches, e arietes forçosos.

XX.

As Mãys os filhos tenros carregando;
E outros trazendo pela maõ fugiaõ,
E os dourados cabellos desgrenhando
Choras as donzellas as seguiaõ:
Os velhos já naõ como gateando
Do perigo livrar-se pertendiaõ,
E áquelles, que escapavaõ com a vida
Lhes dava o temor azas na fugida.

XXI.

Não assim tanto os que junto das correntes
 Do Nilo Egipcio fazem as moradas,
 Quando sentem crescerem as enchentes,
 Que os innundão com grandes enxorradas,
 Correm ligeiros, fogem diligentes
 Para as ribeiras inda não banhadas,
 Como este povo se affastava exangue
 Da grande enchente, e dos raudaes de sangue.

XXII.

Aqui caia o levantado tronco
 Com som tristonho, e lugubre rugido,
 Alli estallava o duro muro, e bronco
 Do furioso ariete impellido:
 Por outra parte com estrallo ronco
 Se ouvia dos penedos o ruido,
 E era cada ruina, e cada moto
 Monte caído, horrendo terremoto.

XXIII.

Qual o vento Boreal tempestuoso,
 Quando as ondas maritimas provoca,
 E c'hum chuveiro negro, e procelloso
 As Espheras penetra, os ares choca,
 Ergue a terra em hum globo envoltuoso;
 Os troncos quebra, despedaça a roca,
 Tais dos soldados eraõ os furores,
 Destruindo o que achavaõ com rigores.

XXIV.

XXIV.

Em arroyos de purpura banhados
Os disformes cadaveres cahiaõ,
E alguns supinos, e outros debruçados
O mesmo fangue calido bebiaõ:
Muitos em postas feitos, e truncados
Tremulos pelo chaõ saltar se viaõ,
Tendo nestes de horror tristes transumptos
A pena objectos, e a magoa assumptos.

XXV.

A ira, e o valor coadunados
Aos que resistem punem de tal fórte;
Que no ardor de vencer precipitados
Achavaõ, procurando a vida, a morte.
Com tal crueldade foraõ destroçados,
Com tal furor, e colera taõ forte,
Que a vehemencia do Eco destes males
Se ouviu nos montes, se sentio nos valles.

XXVI.

As vozes os temores, os tormentos,
Dos soldados, dos prezos, e feridos,
Das virgens, dos meninos, os lamentos,
Os gemidos, os prantos, e allaridos,
Pela terra, pelo ar, e pelos ventos
Foraõ vagos, dispersos, e espargidos,
E o Sol claro, o ar sereno, e o Ceo enxuto
Vestio sombras, fez trevas, trajou luto.

XXVII.

Colericos com ira, e ardor bramavaõ
 Os Capitaens Romanos victoriosos,
 E quanto resistia rechaçavaõ,
 Tyrannicos, crueis, e furiosos:
 Já de huma vez os vivos se entregavaõ
 Nas mãos dos vencedores gloriosos,
 Que por força hade ser executado
 O que do Ceo está determinado.

XXVIII.

Onze vezes cem mil neste conflito
 Do confocio dos vivos se apartáraõ,
 Noventa e sete mil ao grande Tito
 Por captivos humildes se entregáraõ.
 Assim se destruhio do antigo rito
 A Cidade Princeza, e só ficáraõ
 As pedras, onde teve a sepultura
 O Filho de Maria Virgem pura.

XXIX.

Aquelle Templo, que exaltou a fama,
 Casa de Deos primeira neste Mundo,
 Maravilha mayor, que hoje se acclama
 Houve por todo o circulo rotundo,
 Destruhido com ferro, e pela chamma,
 Abrazado ficou, desfeito, e immundo,
 Exemplo dando aos homens desta sorte,
 Que os marmores tambem padecem morte.

XXX.

Em fim os vencedores debellamos
 A terra Hyerosolima triumphantes,
 E de Judá as bandeiras desprezamos
 No jogo Marcial sempre constantes:
 De adornos, e riqueza a devastamos,
 Deixando hum documento aos mais distantes,
 Que nunca por soberba, ou vituperio
 Rebeldes sejaõ ao Romano Imperio.

XXXI.

Acabada esta prospera victoria,
 Que a fama em seus Annaes tem esculpido,
 E pelo mundo todo he taõ notoria,
 Como o terás alguma vez ouvido,
 A Roma me torney com honra, e gloria,
 De todos estimado, e applaudido,
 E a coroa triumphal me deo benino
 O successor, e herdeiro de Quirino.

XXXII.

Logo me retirey aos meus Penates,
 Onde assisty politico às visitas
 Dos Grandes, dos Senhores, dos Magnates,
 Ainda, que era indigno destas ditas:
 Entaõ de alguns captivos com resgates,
 E com outras riquezas acquisitas,
 Co as herdadas vivia descansado,
 Sem recear da sorte o adverso fado.

XXXIII.

XXXIII.

A' diversãõ me dava da espeffura,
 Como sempre fazia antes da guerra,
 Que desfaz da tristeza a sombra escura,
 E as manias colericas desterra,
 Hora do prado fresco na verdura,
 Hora no monte, bosque, brenha, ou ferra,
 E evitava sagaz neste exercicio
 A má occiosidade mãy do vicio.

XXXIV.

Hum dia indo vagando pelo monte,
 Hum cervo vy. Porèm aqui gritando
 O que fazia o quarto, e o Horizonte
 Attento estava sempre contemplando,
 Surgy, disse, surgy, que lá defronte
 Nos está hum chuvaeiro ameaçando,
 Trepay ligeiros, que refresca o vento,
 Colhey, colhey as vélas n'hum momento.

XXXV.

Todos de hum grave sono refurgiaõ
 Com os brados do Mestre, e marinheiros,
 E já os ventos indomitos bramiaõ
 Trazendo negros, e horridos chuvaeiros:
 As furiosas ondas referviaõ,
 Nas espumas formando altos Outeiros,
 E Eustachio deixou tímido, e turbado
 A narraçaõ, que tinha começado.

XXXVI.

XXXVI.

Os nauticos Ministros bem queriaõ
 Coartar os voos do volante tronco,
 Porèm quanto ligeiros pertendiaõ,
 Tanto evitava o vento rijo, e ronco:
 Elle fulcava os ares, que zoniaõ,
 Estrallos dando o rosto duro, e bronco,
 E como ave maritima nas ondas.
 Molhava as azas brancas, e redondas.

XXXVII.

Gritando o Noto, e o Borcas furibundo
 Penetravaõ com tal braveza os ares,
 Que pareciaõ arrazar o Mundo,
 E desfazer os circulos polares:
 As arêas volviaõ do profundo,
 Feitos de espuma Encelados os mares,
 Sendo a pequena Náo, que se derrota.
 Batida péla, rápida pelota.

XXXVIII.

Apagando os farois o Firmamento
 De agoas hum vasto Oceano chorava,
 E o mar crescendo a estímulos do vento
 De crystais monstro ao Ceo ameaçava:
 Já cada qual com tal ajuntamento
 As margens mutuamente vinculava,
 Que os peixes pelo Ceo nadar podiaõ,
 E os Metheoros pelo mar jaziaõ.

XXXIX.

XXXIX.

A Náo parece quando profundava,
 Que com a quilha o Tartaro feria,
 E nas mais altas nuvens, que tocava
 Parece, quando em cima refurgia;
 O irado polo chammias scintillava,
 Mesclando-se co vento o mar fervia,
 En'hum confuso, e enorme parocismo
 Do Chaos copia era o Mundo, e do Abismo.

XL.

Os enormes Cometas fanguinosos
 Coriscos disparavaõ cento a cento,
 E os rayos, que caiaõ furiosos
 Abalavaõ do Eyxio o Firmamento:
 Os horrendos trovoens, e clamorosos
 Aflobravaõ com som rouco, e violento,
 E as densas nuvens disparavaõ logo
 Serpes de chammias, viboras de fogo.

XLI.

O Cryftallino monstro, e furioso
 Taõ fero ronca, e taõ feroz espuma,
 Que as mesmas nuvens, que lavava ondoso,
 Quiz sepultar em cumulos de escuma:
 Undivago o Baixel, e naufragoso
 Taõ roto geme, e affustado bruma,
 Que em qualquer onda, que pasciente atura
 Effeitos lente de huma pedra dura.

XLII.

XLII.

Alguns dos peixes tímidos entráraõ
Do pégo fundo nas cavernas ocas :
E outros nas ondas perecer cuidáraõ ,
Que tu Neptuno com furor provocas :
As rémoras tenaces se afferráraõ
Com força grande nas mais duras rocas ,
E os ninhos das aves se envolveraõ ,
Em que Alciona , e seis se convertêraõ.

XLIII.

O Idólatra Piloto , que se achava
Perecendo em os ultimos desmayos ,
Bem cuidou , que Vulcano lhe forjava
Por mandado de Jove aquelles rayos ;
E vendo tanta chuva imaginava
Serem aquelles já outros enfayos
Para que as pedras para traz deitassem
Como Deucaliaõ os que ficassem.

XLIV.

Mas Já de Phebo a moça refurgia ,
Que as trevas vay da noute discutindo ,
E Thitam de seo thalamo surgia
Os somnolentos parpados abrindo.
Cessava o Boreas , o Austro enfraquecia ,
Aquilo , e Noto foraõ desfistindo ,
E bebendo o licor fino , e rosado
Neptuno dormio quieto , e socegado.

XLV.

Livres desta taõ forte tempestade
 A refazer os nautas começáraõ
 As quebras, que na Náo com feridade
 Os furiosos ventos machináraõ;
 E anhelando do tempo a brevidade,
 Ao vento as brancas vélas desfraldáraõ,
 A proa endireitando sem tardança
 Para onde a meta tinhaõ da esperança.

XLVI.

Daqui mais alguns dias navegando,
 As vezes com bom vento, e mar bonança,
 E outras vezes do tempo experimentando
 A inconstante, e subita mudança,
 De longe a Terra foraõ avistando
 Fartos de gozo, e cheyos de esperança,
 E já ao porto amado se chegavaõ,
 E as unhas Echeneidas lançavaõ.

XLVII.

Os passageiros todos diligentes
 Saltar em terra promptos intentáraõ,
 E logo nos bateis impacientes
 A cada qual primeiro se embarcáraõ,
 Entaõ Theopista, soltas as correntes
 De seus olhos, que as faces lhe banháraõ,
 Vendo, que Eustachio já se apartaria,
 Triste, saudosa, e amante assim dizia:

XLVIII.

XLVIII.

Eustachio, eu fico neste desamparo,
Exposta a toda humana feridade?
Valha-me, se he possível, teu amparo,
Tem desta triste esposa piedade:
Sem ti viver não posso, esposo charo,
Morrerey sem a tua sociedade,
Se me não podes conduzir contigo,
Fica pensando cá junto commigo.

XLIX.

Mas bem conheço, que neste conflito
Não me podes valer consorte amado,
Muito me peza verte tão afflito,
Peza-me muito verte tão magoado:
Eu te prometto, que já mais delito
Sintas em meu pudor de outro manchado,
Pois primeiro mil vezes morreria,
(Se he possível) do que te offenderia.

L.

Como nobre prometto, affirmo, e juro,
(Pois Deos não falta com sua defensa)
Que nenhum deslial, falso, e perjuro
Possa mover-me para a tua offensa:
Em o presente tempo, e no futuro,
Em quanto a aura vital me for extensa,
O meu pudor conservarey intato
Como a honesta esposa de Torquato.

LI.

Em tanta dor no extremo gráo intensa
Adverte, esposo meu, que sou Romana,
Não recees, Eustachio, alguma offensa,
Tendo por mim a guarda Soberana:
Considera, imagina, cuida, e pensa,
Que excederei Timochia essa Thebana,
Sendo neste infortunio, e vil miseria
Muito mais, que Sophronia, e que Valeria.

LII.

Parte, pois he fôrçoso ao navegante
Desembarcar, não vás desconfolado,
Quanto por mim padeces taõ constante,
Tudo por Deos será remunerado.
Em quanto eu viva for, esposo amante,
Sempre em meu peito viverás lembrado,
E tu roga por mim ao Verdadeiro
Senhor me livre deste captiveiro.

LIII.

E vós ò filhos meus do amor penhores,
Do coração pedaços, da alma, e vida,
Ay como me traspassaõ os clamores,
Que estais fazendo nesta despedida:
Esta separaçãõ, doces amores,
Na alma me tem gerado huma ferida
Tal, que receyo nesta extrema forte
Seja fatal, e me resulte a morte.

LIV.

Se à força de suspiros eu pudera,
 Filhos, remediar vossa agonia,
 E se com muitas lagrimas fizera,
 Que pudesse ir em vossa companhia,
 Hum novo mar dos olhos me correra,
 De meu peito mais vento exhallaria,
 Se he, que em meus olhos póde haver mais agoa,
 Ou se meu peito póde ter mais mágoa.

LV.

Mais quizera dizer triste, e faudosa,
 E Eustachio responder internecido,
 Mas do Piloto a voz imperiosa
 Manda, que seja no batel mettido.
 Obedeceo por força à rigorosa
 Ordem do navegante fementido,
 E de seus filhos sendo acompanhado
 Saltou em terra firme, e resignado.

LVI.

Oh tu, que immerfo vives no Mundano,
 Sem receares subita mudança
 Da sorte, e envelhecido neste engano
 Poens no presente tempo a confiança,
 Este exemplo te sirva ao desengano,
 Para que ponhas em igual balança
 O bem, e o mal, e na desdita, ou forte.
 Sempre te mostres varonil, e forte.

LVII.

LVII.

Olha este como vive taõ constante,
Depois de exprimentar a turbulencia
Da fortuna, e de hum torpe navegante
Forte sopporta taõ dura violencia:
Foy grande, rico, nobre, e foy possante,
Soffre agora da sorte a inclemencia,
Exemplo dando, que no Mundo pares
Andaõ sempre cos gostos, os pezares.

LVIII.

Oh como he nescio o que mais que contente
Se torna com qualquer prosperidade,
Pois fica quasi infano quando sente
Depois da sorte a cruel adversidade!
Naõ posso achar ainda hum, que se izente
Desta viril, e humana leviandade,
Mas vejo sempre servos, e senhores
Camaleoens de muy diversas cores.

EUSTACHIDOS.

ARGUMENTO.

*Em Terra estranha Eustachio faudofo,
E com seus filhos indo caminbando,
Ao vadear hum rio caudaloso,
Para o transporte hum filho carregando,
Ambos perdeo por caso misterioso;
E as correntes rapidas deixando,
Com os olhos no Ceo, e nelles agoas
Se lamentou com queixas, e com mágoas.*

CANTO QUARTO.

I.

P Ela arenosa praya caminhavaõ
Eustachio, e os filhos sem mais companhia,
Estes da Náo os olhos não tiravaõ
No peito aquelle a pena supprimia:
As pedras os pés tenros lhes magoavaõ,
E a area solta, que co Sol fervia,
Tardava os passos, que se dirigiaõ
Com mais vagar do que elles pertendiaõ.

II.

O estrangeiro Paiz como ignorava
Eustachio estradas delle não sabia,
E para muitos dias não bastava
A pouca refeição, que conduzia:
Aos naturaes da terra perguntava,
Pois informar-se com razão queria
De algum lugar, em que se detivesse,
E o alimento vital ganhar pudesse.

III.

III.

Já com varias respostas enfiado
Hum caminho tomou, o qual guiava
Para hum lugar pequeno, que apartado
Da povoação não pouca terra estava:
Partio sem ser de alguém acompanhado,
Mais, que dos filhos, que em extremo amava,
E do auxilio de Deos, o qual sómente
No coração trazia firmemente.

IV.

Por montes, valles, selvas, e arvoredos,
Que aquella inculta solidão vestiaõ,
Ora avistando asperrimos penedos,
Que com as nuvens altas competiaõ,
Movia os passos sem recear medos
Quando do Sol os rayos já desciaõ,
E ao encontro teve hum rio inoportuno
De arroyos pay, e filho de Neptuno.

V.

De huma cenefa verde, e intrincada
Coberto estava, lobrego, e obumbrado,
E o vão apenas consentia entrada
A hum homem na estatura levantado,
E revolvendo em giros, e enxorrada
Veloz corria, e muy precipitado,
Qual por Mesopotamia o caudaloso
Persico Tigris corre furioso.

VI.

Vendo Eustachio, que o peço não podia
Dos filhos vadiar-se inacessível,
Transportar hum, e outro pertendia,
Que outro recurso ally era impossivel,
Já hum delles sobre os hombros se subia,
E o pay pondo o valor todo possivel,
A'lem do rio, e com muita canceira
O filho poz na opposta ribanceira.

VII.

Para buscar o outro se tornava,
E estando já no meyo das correntes,
Sentio, que hum Leão fero arrebatava
O filho prezo nos vorazes dentes:
Vallelo quiz, mas vio, que se apressava
A besta horrenda a passos diligentes,
E penetrando da montanha o centro
Veloz entrou pela Espessura a dentro.

VIII.

Vendo o pay triste, que impossivel era
Poder o filho resgatar do Bruto,
Levar o outro, que ficou quizera
Para o terreno além do rio enxuto,
Se não chegára hum Tygre horrída féra,
Do que a Panthera mais voraz, e astuto,
Que entre as garras da horrífica gadanha
Apanhando-o fugio para a montanha.

IX.

Lgrimas, que dos olhos lhe cahiraõ,
 Do mesmo rio as ondas inundáraõ,
 Suspiros, que do peito lhe sahiraõ,
 O respirante vento acrescentáraõ,
 As lastimas, que os montes bem ouviraõ,
 Os penedos mais duros magoáraõ,
 Attendendo a seu pranto, e a seu lamento
 Os penedos, os montes, agoa, e vento

X.

Da corrente sahio triste, e saudoso,
 E chegando a hum penedo, que defronte
 Estava junto ao rio ruidoso,
 Ao pé de hum levantado, e erguido monte,
 Se sentou, e com lagrimas queixoso,
 Pelas faces correndo amarga fonte,
 A parte inferior da alma o movia,
 E ao vento estes queixumes espargia.

XI.

Aonde estás agora ò sentimento,
 Que não desfazes o meu triste peito,
 E tu, que tens o nome de tormento,
 Não podes ter do que eu melhor sujeito:
 Correy lagrimas minhas cento a cento,
 Porque em meus olhos já vos não regeito,
 E tu ò coração porque receas
 Sahir em sangue já por minhas veas!

XII.

Quantas houve no Mundo crueldades
 Destas , que partem a alma , e a descontentaõ,
 E quantas haverá calamidades
 Em quanto os dias annos accrescentaõ,
 Até o fim de todas as idades,
 Saõ muito menos, que as que me atormentaõ,
 Sómente seja excepto por primeiro
 Job , que eu sou o segundo, e derradeiro.

XIII.

Porèm a quem explico o meu tormento!
 A quem fallo! quem me ouve! ou quem me entende!
 Pois que palavras desperdiça ao vento
 Quem formar queixas só a sy pertende;
 Mas como a minha dor , e mal violento,
 Que o coração me parte, e a alma fende,
 He taõ aguda, creyo , que o sensível
 Naõ só me póde ouvir, mas o insensível.

XIV.

Sol , que do Mundo luminar famoso
 Estás esta inculta brenha allumiando,
 A meus gemidos mostrar-te piedoso,
 Tem compaixaõ de mim , que estou penando :
 Esse teu arrebol sempre lustroso
 Suspende , pois me vês agonizando,
 Sintaõ tambem Ecclipses os teus rayos,
 Assim como meu peito os seus desmayos.

XV.

Ceos soberanos, que em voluveis gyros
 O Mundo Elementar estais cercando,
 E em differentes eyxos, e retiros.
 Estais Planetas, e Astros sustentando,
 Piedade quero para meus suspiros,
 Ide-vos de meu mal triste magoando,
 E revestindo funebres alfombras,
 Trevas trajay, vos pello, vesti sombras.

XVI.

Ouvy-me duros, e asperos penedos,
 Que elevados estais por esses montes,
 Attentos me escutay toscos rochedos,
 Que ameaçando estais aos Orizontes:
 Senty meu mal frondosos arvoredos,
 Compadecei vos crystallinas fontes,
 Lastimai-vos tambem de minhas dores
 Passaros destas brenhas moradores.

XVII.

Ventos, que nesta Região dos ares
 Fazeis escramunça impetuosos,
 Sequer agora ouvindo os meus pezares
 Não respireis tão fortes, tão furiosos:
 Quantos aturo da fortuna azares,
 Quantos trabalhos soffro lastimosos,
 Aos ouvidos levay mos de Theopista,
 Para que à minha a tua dor assista.

XVIII.

Ferozes animaes desta espessura,
 Ainda que brutos vos mostray humanos;
 Olhay, que os vossos com fereza dura
 Foraõ, que me causáraõ tantos damnos;
 E se por serdes de voraz natura
 Traçoens ordiys, e machinais enganos,
 Amançay vossa gram ferocidade,
 Que atè de hum triste os brutos tem piedade.

XIX.

E vós tyrannos brutos, que levastes
 De meu amor os mais caros penhores,
 E (como creyo) em parte os tragastes,
 Para que eu morrer possa em tantas dores,
 Olhay, que agora cruelmente uastes
 Acção sómente digna de traidores,
 Porque a muitos meninos já crearaõ.
 Ferozes animaes, e os amparáraõ.

XX.

Se estimulos da fome crua, e impia
 A tyrannia tal vos obrigáraõ,
 Eu por esta Espessura buscaria
 Essas viandas, que vos já fartaraõ;
 E quando não achasse a iguaria
 De animalejos, que os bosques criáraõ,
 Que a minha propria carne devorasseis.
 Eu soffrera, e que a fome faciasseis.

XXI.

XXI.

Mas a quem fallo infano, e sem sentidos!
 Onde me leva o louco pensamento!
 Pois que me queixo a quem não dá ouvidos,
 Nem pôde ter piedade ao meu tormento!
 Que importaõ prantos, lastimas, gemidos,
 Se não posso mover ao sentimento
 O Sol, os Ceos, os ventos, os penedos,
 Passaros, brutos, fontes, e arvoredos!

XXII.

Oh quanto melhor fora, que nascido
 No Mundo eu nunca fora, ou perecera,
 Quando do ceyo maternal sahido
 Principiey da vida a Primavera:
 Fora acertado entãõ se o Sol luzido
 Seus rayos nesse dia escurecera,
 E encapotadas as radiantes luzes,
 De ambas se cobrisse com capuzes.

XXIII.

Ay de mim triste! quanto melhor fora,
 Que o primeiro alimento, que me dessem
 Fosse veneno, que em menos d'huma hora
 Meus delicados membros fenecessem:
 Escusaria de soffrer agora
 Pezares tantos, que a tal grão me crescem,
 Que nem no pensamento ainda fingido
 Se pôde achar tormento mais crecido.

XXIV.

Quanto melhor me fora, que tragado
Das mesmas Feras fosse eu nesta terra,
E que meu corpo tremulo, e truncado
Regasse com raudais de sangue a terra:
Antes quizera ser despedaçado
Pelo inimigo na cruenta guerra,
Do que chegar a ver nesta Espelura
A tyrannia mais cruel, e dura.

XXV.

Oh tyranno! oh cruel! oh fado esquivó,
Que reduzido me has a infame forte!
Porque razão te mostras excessivo
Com tão sinistra estrella, e influxo forte?
Se estou morrendo para que mais vivo?
Se vida tenho como soffro a morte?
Morrer por huma vez finalizando
Quero antes, que viver penalizando.

XXVI.

E se para mais penas dura a vida,
Não posso achar mais penas, nem mayores,
Porque já tenho a alma dividida
A mãos de tyrannias, e rigores;
Mas se póde haver mágoa mais crecida,
Accrescentem se dores sobre dores,
Pois no estado em que estou só me contento,
Que inda o possível passe o meu tormento.

XXVII.

Ay Theopista amada, se souberas
 Este tão triste caso inopinado,
 Com quanta mais razão te enterneceras;
 Quanto o sentiras mais, do que o passado:
 Sem duvida, que logo perceras
 Ao rigor de hum tormento tão sobrado,
 E com a morte fria acabarias
 De exprimentar tão duras tyrannias.

XXVIII.

Olha os teus filhos, que com tanto agrado
 Em mimofas delicias os creaste,
 E quando os apartou o duro fado
 Do teu amor ao meu recomendaste,
 Como lhes assistio o meu cuidado,
 A quem para custodia os entregaste?
 Mas não te queixes, não, de mim senhora,
 Queixa-te só da sorte, que he traidora.

XXIX.

E não bastava já, consorte amada,
 Que com audacia fera, e insolente
 Fosses do meu amor arrebatada
 Por hum pérfido, falso, e delinquente,
 Se não para que a pena duplicada
 Fosse, e eu perecesse de impaciente,
 Roubaraõ me meus filhos tão amados
 Unico allivio só de meus cuidados.

XXX.

Theopisto meu , e Agapito amado ,
 Sem vós viver não posso , vida minha ,
 Já se acabou o tempo , em que eu coitado
 Por refrigerio de meu mal vos tinha ;
 Em quanto o corpo da alma separado
 Não for , não posso ter outra mezinha
 Em tanta dor , senão solta a corrente
 De meus olhos chorar amargamente.

XXXI.

Aqui me deterey nesta Espessura
 Fóra de toda a humana sociedade ,
 Até , que alguma Fera , ou serpe dura
 Use commigo em me tragar piedade :
 Chegarmehá desta sorte a sombra escura ,
 Que a todos os mortaes poem fim na idade ,
 Porque do amor a ley não me consente ,
 Que , mortos vós , eu fique vivo , e auzente.

XXXII.

Eu fuy a causa , filhos meus amados ,
 Por vos deixar nas margens das correntes ,
 De serdes com furor arrebatados
 Dessas vorazes Feras pestilentas ;
 Porém o intento foy , que bem livrados
 Seguíssemos a rota diligentes ,
 Mas este rio de infelices agoas
 Scylla , e Charibdes foy de minhas mágoas.

XXXIII.

Lembra-me agora quando vos trazia
 Nesta longiqua, e asperrima viagem,
 Que a refeição precisa promettia
 Dar-vos n'algum repouso, ou Estalagem;
 Mas quem então (ay triste!) me diria,
 Que aqui nesta infautissima passagem,
 Quando cuidey tomalleis o sustento,
 Para os brutos servisseis de alimento.

XXXIV.

Ha pouco, que vos via aqui presentes,
 E que vos tive, filhos, nos meus braços,
 Agora vos suspiro, e choro ausentes,
 E (como creyo) feitos em pedaços.
 Oh mudanças do tempo! oh accidentes,
 Que assim sabem partir do amor os laços,
 Oh bem Mundano, oh fabula sonhada,
 Mentira, engano, fumo, sombra, e nada!

XXXV.

Naõ quero mais viver em tantas dores,
 E crua morte pello por remedio,
 Já que da sorte os golpes, e os rigores
 Partem-me o corpo, poem-me na alma affedio:
 Chegay, chegay, ò brutos tragadores,
 Tiray-me a vida, de que tenho tedio,
 Pois da morte o rigor mais excessivo
 Serve ao presente mal de lenitivo.

XXXVI.

XXXVI.

Vós, que do Mundo todo fois regente,
Deos meu, immenso, eterno, e amoroso,
O vosso auxilio me prestay clemente,
Pois que cos homens fois taõ piedoso:
Perdoay-me, Senhor Omnipotente
O mostrar-me com penas taõ queixoso,
Porque naõ he do espirito fraqueza
O que paixãõ da humana natureza.

XXXVII.

Todos quantos trabalhos, e rigores
O inimigo cruel me tem buscado,
Tudo conheço bem, que saõ penhores,
Que para a eterna vida me haveis dado:
Sem desmayos, Senhor, e sem temores
Viver prometto sempre resignado,
Com tanto, que me ajude o auxilio vosso,
Porque, Deos meu, sem elle nada posso.

XXXVIII.

Aqui fez termo Eustachio, e recostado
Em o penedo tosco, que jazia,
Começou a cuidar mais confortado
No modo de viver, que buscaria:
Irresoluto, e naõ determinado
Por partes mil botava a phantasia,
O conselho buscando, que lhe dava
O estado, e o lugar em que se achava.

XXXIX.

Já neste tempo o General brilhante,
 Que tem da luz o imperio, refrescava
 Na Thetis fria o liquido diamante,
 E os cavallos ignivomos parava.
 O neto velocissimo de Atlante
 Com a vara fatal os somnos dava,
 Obrigando aos mortaes, que descansassem,
 E os trabalhos diurnos aquietassem.

XL.

E tanto, que o crepusculo rozado
 No Orizante se vio claro, e lustroso,
 E as flores a chupar do ameno prado,
 Começaraõ o nectar laboroso,
 Levantou-se da terra, em que deitado
 Passára a noite infomne, e cuidadoso,
 E olhando para o rio, que deixava,
 Fez seu caminho, e os passos apressava.

XLI.

Depois de poucas horas ter andado,
 Vio hum pastor, que o gado apascentava,
 Que lhe disse o caminho perguntado
 De hum pequeno lugar, que procurava:
 Em fim chegou sentido, e magoado
 A' parage, onde aquella Aldea estava,
 A' qual Badiso os naturaes chamáraõ,
 Nome, que largos tempos conserváraõ.

XLII.

Ally sem ter politica cultura
Se occupou por pagar o feudo à vida,
Na rustica, e grosseira agricultura,
Que os homens para a quietação convida,
Hora cavando a terra secca, e dura,
Hora enxertando a rama submettida,
Porque por lavrador pouco se abona
Quem não mistura Ceres com Roma.

XLIII.

Do corporal suor se sustentava
Os faustos, e opulencias desprezando,
E huma pequena horta sobejava
Ao que nasceo grandezas ostentando:
Nada tinha, e assim nada lhe faltava,
Que isto succede muitas vezes quando
Do Mundo se desprezaõ as delicias,
E por Christo se deixaõ as divicias.

XLIV.

Naõ como alguns, que ainda no Dezerto,
Onde devem prezar toda a pobreza,
Procuraõ com cuidado, e em campo aberto
Viver sempre submersos na riqueza:
Venero muito aquelle, que taõ certo
Tem o auxilio da suprema Alteza,
Que póde izento estar, e com desprezo
Desta, que o homem traz captivo, e prezo.

XLV.

XLV.

Oh propensão da humana natureza,
E de dinheiro hydropica cobiça,
Por quem em toda a parte se despreza
A rectidão constante, e a justiça!
Hoje no Mundo todo só se préza
A riqueza, a avareza, e a injustiça,
Sem que resista da vontade ao intento
Hum taõ racional entendimento.

EUSTACHIDOS.

ARGUMENTO.

*Depois de muitos annos ter estado
Eustachio na grosseira agricultura,
O mandráo buscar, e foy achado,
Sendo isto providencia de Deos pura :
Vindo já para Roma retirado,
Depois de se acabar a guerra dura,
Os filhos, e a mulher lhe apparecerão,
E todos huns aos outros conbecerão.*

CANTO QUINTO.

I.

A Deosa Gigantea, que pergoa
Tudo quanto ouve, e ve por lingoas cento,
E pelo Mundo todo corre, e voa
Batendo as azas, que lhe al sopra o vento,
Tinha espalhado com trombeta boa
Por toda a parte o esforço, e ardimento,
Com que Eustachio na passada guerra
Causado havia medo a toda a Terra.

II.

Isto obrigou ao Emperador Trajano,
Que então as rédeas do governo tinha;
A mandar procurar soberbo, e ufano
Em que lugar Eustachio se detinha;
Porque como temia o grave damno,
Que ameaçava a guerra já visinha,
Hum Capitaõ queria de tal geito,
Que effeituasse a obra o seu conceito.

III.

III.

Por toda a parte seus Embaixadores
 Mandou imperioso, que o buscassem,
 E que o achando por procuradores
 A Cidade de Romulo o inviassem:
 Que alcançariaõ premios, e favores,
 Se o que partiaõ a buscar achassem,
 Porque mais, que do imperio a diligencia
 Nasce sempre da propria conveniencia.

IV.

Dez vezes com mais cinco tinha andado
 Os doze Signos o pastor Amphrifo,
 Desde que Eustachio havia começado
 A cultivar os campos de Badiso;
 Elles depois de o terem bem buscado,
 Do lugar, em que estava, tendo aviso,
 Apenas à presença se chegáraõ
 Por General contentes o saudáraõ.

V.

Qual o famoso Heroe Abdolonimo,
 Quando na horta de Sydonia estava,
 E por sustento tinha, e prato optimo
 Do campo as tenras hervas, que plantava,
 Foy promovido do lugar infimo
 Para o supremo, que elle desprezava,
 Tal Eustachio da rustica cultura
 Foy levantado de Tribuno à altura.

VI.

VI.

Obedecendo ao mando soberanno
Foy trazido à Cidade de Quirino,
A' Imperial presença de Trajano,
Que se mostrou benefico, e benino
Vir resistia, porém de hum Tyranno
Receava o rigor duro, e ferino,
E juntamente a providencia santa
Do Senhor o trazia à empreza tanta.

VII.

Reeleito General da belliosa
Gente, que amedrontava todo o Mundo,
Se apartou para a guerra trabalhosa,
E entrou no estrondo fero, e furibundo.
Della sahio com fama gloriosa,
E com saber portou-se tão profundo,
Que vencer poderia forte, e ufano
Ainda a Viriato Lusitano.

VIII.

Cale-te de Alexandre, e de Dario
O valor grande, e esforço bellioso,
Posto que àquelle chore o Axio rio,
E este murmure o Tygris ruidoso;
Porque de Eustachio a valentia, e brio
Neste conflito grande, e perigoso
Excedeo todos, nem o de Carthago
Em inimigos fez tão grande estrago.

IX.

Esta peleja prospera acabada
 Contra os Judeos (se a Tradição não mente)
 Victorioso tornou de retirada,
 De ter servido ao Emperador contente:
 Succedeo, que se achou n'hum pousada,
 Das que recebem passageira gente,
 Com dous Mancebos, que no tratamento
 Mostravaõ ser de nobre nascimento.

X.

Cortezãmente todos se salváraõ
 Com mostras de alegria, e de contento,
 E na passada guerra praticáraõ,
 Que na fazaõ do tempo vinha ao intento:
 De viandas diversas se fartáraõ,
 Como podia aquelle alojamento,
 Nunca faltando o liquido Falerno,
 Que alegria faz no peito interno.

XI.

E como já Phlegon se despenhava
 Do tórrido Zenith, e levantado,
 E o tempo meridiano convidava
 A quietação o corpo trabalhado,
 Cada qual no seu Quarto se deitava
 Para tomar repouso accomodado,
 E logo promptamente obedecendo
 Morphee o doce somno foy trazendo.

CANTO V.

XII.

Depois do soporifero lethargo
Hum dos Mancebos disse gracioso,
Sabey, Senhores, que n'hum sonho largo
Passey a fésta bem misterioso:
Já podereis julgar não foy amargo,
Porque acordey alegre, e muy gozoso,
Dizello quero, sirva de alegria,
E vejaõ quanto voa a phantasia.

XIII.

Em hum vasto me achey, e novo Mundo
De nós desconhecido, e ignorado,
Em cujas prayas bate hum mar profundo,
Nunca atègora de algum lenho arado:
O clima alegre, fertil, e jucundo,
E o chaõ de arvores muitas povoado,
E no verdor das folhas julguey, que era
Alli sempre continua a Primavera.

XIV.

Dellas estavaõ pomos pendurados
Diversos na fragancia, e na pintura,
Nem dos homens carecem ser plantados,
Mas agrestes se daõ, e sem cultura;
E entre os troncos muitos levantados,
Que ainda a phantasia me figura,
Havia hum páo de tinta muy fecunda,
Transparente na cor, e rubicunda.

EUSTACHIDOS,

XV.

Passaros muitos de diversas cores
Se viaõ varias ondas transformando,
E dos troncos suavissimos licores.
Em copia grande estayaõ dimanando :
Peixes vi na grandeza superiores,
E animaes quadrupedes saltando,
A Terra tem do metal louro as veas,
Que de alguns rios se acha nas areas.

XVI.

E quando a vista estava apascentando
Destas cousas na alegre formosura,
Hum velho vi, que andava passeando
De desmarcada, e incognita estatura :
Com sobrefalto os olhos fuy firmando
Naquelle sempre movel creatura,
E parece-me, se bem reparava,
Que varios rostos sempre me mostrava.

XVII.

Tinha os cabellos brancos como a neve
Pela velhice muita carcomidos,
E só com pennas se trajava ao leve,
Porque lhe eraõ pezados mais vestidos :
Andava sempre, mas com passo breve,
Posto que os pés trazia envelhecidos,
Hum baculo em as mãos accommodava,
Do qual para o passeyo se ajudava.

XVIII.

XVIII.

Fiquey desta vizaõ maravillado,
Como quem de tais Monstros naõ sabia,
E logo perguntey sobreltado
Quem era, que buscava, e que queria?
Elle virando o rosto remendado
Da cor da escura noute, e claro dia,
Que eu era, respondeo, quem procurava,
E que Postero, disse, se chamava.

XIX.

Esta que vês (continuou dizendo)
Terra aos teus escondida, e occultada,
Quando eu velho for mais envelhecendo
De hum Rey grande hade ser avassallada :
Naõ te posso dizer o como, e sendo
Esta noticia a outros reservada :
Basta saberes, que sem romper muros
Será, passados seculos futuros.

XX.

Porèm isso naõ foy o que a buscar-te
Me moveo, e a fallar-te desta moda,
Mas de outra cousa venho a informar te,
Que muito mais do que isto te accomoda :
Bem podes começar della a gozar-te,
Que para isso vou andando em roda,
E para que naõ estejas cuidadoso,
Quero dar-te a noticia presagioso.

XXI.

Naquella (e me mostrou huma grande Ilha,
Formosa, fresca, fértil, e aprasivel,
A quem Neptuno o seu Tridente humilha,
Quando o rigor do Austro he mais sensivel)
Hade vestir a pueril mantilha,
Depois de nella ter a aura visivel,
Hum que para que a ty versos ordene,
Hade beber da fonte de Hypocrene.

XXII.

Este pois lá n'hum seculo futuro,
Posto que della ausente, e apartado,
Porque cos filhos sempre foy perjuro
O patrio chaõ, e os trata sem agrado,
Por devoçaõ intrinfeca, e amor puro,
Talvez do Deos, que adoras, inspirado,
De ty, e desses dous dessa poufada
Hade cantar com lira temperada.

XXIII.

Aqui fez termo o velho, suffocando
A vós dentro do escuro, e occulto peito,
Nunca do seo passeyo descansando,
Nem quando me explicava o alto conceito:
Eu do letargo atonito despertando
Me alegrey de ver confas deste geito,
E vede que julgais õ companheiros,
Que os sonhos saõ às vezes verdadeiros.

XXIV.

XXIV.

Responde Eustachio, tem acontecido
 Fallar verdade a phantasia leve,
 Mas quasi sempre he falso, e he mentido
 O que mostra em lethargo longo, ou breve;
 E como isto he taõ certo, e naõ fingido,
 Ninguem nelles certeza julgar deve,
 Deixemos sonhos, narre a sua vida.
 Algum, que a isso o tempo nos convida.

XXV.

Entaõ o outro mancebo consentindo
 Na petiçaõ, que Eustachio lhe formava,
 Estando pouco espalho conferindo
 Comsigo o que a memoria lhe ditava,
 Disse, irey do principio deduzindo
 A minha vida, que isto dezejava,
 Pois ella he tal, que deve ser sabida,
 E em duro bronze, ou marmor esculpida.

XXVI.

Romano sou, e de prolapia clara,
 Filho de hum varaõ nobre, e cavalleiro,
 Com quem naõ foy fortuna adversa, e avara
 Na estimaçaõ, na honra, e no dinheiro;
 Mas como he movel, nos virou a cara,
 E cruel nos trouxe a tal despenhadeiro,
 Que ficamos de tudo destituhidos,
 E totalmente pobres, e despídos.

XXVII.

XXVII.

Vendo meu pay o triste, e escuro estado
 A que a fortuna o tinha reduzido,
 E que agora vivia desprezado
 Dos que já fora amado, e applaudido,
 Se embarcou para o Egypto celebrado
 Para viver dos patrios escondido,
 Levando a hum meu Irmaõ, e a mim comfigo,
 E a minha mãy, que deo n'hum gram perigo.

XXVIII.

Porque. Mas neste ponto levantando
 Eustachio a voz alegre, e impetuosa
 Disse: vós pareceis meu filho quando
 Me narrais essa historia dolorosa:
 A'lem de que no rosto divisando
 Estou huma nota clara, e não enganosa
 De que dos filhos meus algum sejas,
 Dizey, dizey, o como vos chamais.

XXIX.

Entaõ ambos os dous se conhecerãõ
 Pelo contado, e pelas perspectivas,
 E as especies mais claras recolherãõ
 No sentido commum memorativas:
 Com amorosos ays se enternecerãõ,
 Depois com vozes ternas, e festivas,
 De ver o pay infano de alegria
 Vivo Agapito, que defunto o queria.

XXX.

O outro mancebo, que contado havia
 O sonho refrescado da memoria,
 Tanto pelos signaes, que no pay via,
 Como no irmão, narrando a propria historia;
 Em si mesmo de gozo não cabia,
 E estuando em prazer, ardendo em gloria
 Disse, que era Theopisto, e o conheceraõ,
 Porque as especies mais reverdeceraõ.

XXXI.

Contáraõ ambos, que quando levados
 Foraõ do Leão, e Tigre na Espessura,
 Imaginando ser despedaçados,
 E em postas feitos com crueza dura,
 Foraõ de dous pastores libertados
 Da férvida, e vivente sepultura,
 Entre os quaes se não Urbica riqueza,
 Acháraõ toda a rustica pobreza.

XXXII.

E que naquelle campo, onde habitáraõ
 Diverso cada qual, e separado,
 Porque quando das Feras se usurpáraõ,
 Não soube hum do outro o caso inopinado,
 Por sustentar a vida apascentáraõ
 Em pastoril officio o manso gado,
 De iracundos rafeiros cuidadosos
 Para evitar os lobos cavilosos.

XXXIII.

Porèm no peito lhes faltava
 O nobre fangue, que da Patria herdáraõ,
 E no campo, e no bolque lhes faltava
 Com quem mostrar o esforço, que criáraõ,
 O seu rebanho pela guerra brava,
 Qual do Rey sabio o pay desamparáraõ,
 Cujó estrondo acabado, e inclemencia,
 Os trouxe ally de Deos a providencia.

XXXIV.

Eustachio, que estas praticas ouvia
 Como pasmado, e quasi insano estava,
 E lá no peito interno a alegria
 Em gráo ultimo intensa exuberava:
 Dizer palavra alguma não podia,
 E intercadentemente solluçava,
 Que às vezes quando as causas são vehementes
 Os effeitos produzem diferentes.

XXXV.

Pequeno espaço tinha o Sol andado,
 E já a Deosa, que tem celeridade
 Por aquelle contorno divulgado
 Havia esta noticia, e novidade,
 Quando com passo cheyo, e apressado
 Chegou dando do rosto claridade
 Huma matrona, e assim que a receberaõ,
 Que era Theopista todos conheceraõ.

XXXVI.

XXXVI.

**Disse, que como o torpe navegante
Por mais, que instasse com audacia, e brio,
Nunca pode fazer, que ella inconstante
Fosse a quem de si tinha o senhorio,
Desenganado de passar avante,
Desembarcar mandou-a do Navio,
Onde, se Deos supremo a não valera,
N'hum vital miseria perecera.**

XXXVII.

**E que depois de andar peregrinando
Pobre, e de humanos bens destituida,
Do feminil trabalho alimentando
A solitaria, e trabalhosa vida,
A'quella Terra acafo então chegando
Por aquella paragem foy trazida,
Onde o encontro, que muito desejava
Teve, sendo que apenas o esperava.**

XXXVIII.

**Mas quem póde explicar o exuberante
Gozo, que aquelles quatro então mostráraõ,
Como se confessou cad'hum constante,
E os passados successos renováraõ:
Como com laço forte, terno, e amante
Affectuosamente se abraçáraõ,
Augmento sendo da presente gloria
De infortunios passados a memoria!**

XXXIX.

Sómente esse, que muito do seu gremio
 Fosse Cidades sete desejavaõ,
 E esse outro, que com elle foy taõ gemio
 Na Musa, que os de Mantua tanto honraraõ,
 Ou aquelle tambem, que sem ter premio,
 E só depois da morte o estimaraõ,
 Das Ninfas do seu Tejo transparente
 Se lembrou lá nos Reynos do Oriente.

XL.

Que a minha lyra não se atreve a tanto,
 Destemperada, rouca, e dissonante,
 Nem sey se chegará ao sexto canto,
 Pois tem motivos para que não cante;
 Porém como o designio foy taõ santo,
 Heyde pôr forças por passar avante,
 Para que no Universo conhecida
 De taõ glorioso Santo fique a vida.

XLI.

Congregados os Santos peregrinos,
 Eustachio digo, os filhos, e a conlorte,
 Depois de tributarem doces hymnos
 A Deos, que lhes guardou aquella forte,
 Os maros proseguiraõ mais benignos,
 Que lhes mostrava da fortuna o Norte,
 E alguns dias detidos na pousada,
 Dally depois fizeraõ a jornada.

XLII.

Em companhia foraõ caminhando
 Os que andavaõ ausentes, e espargidos;
 Em materias diversas praticando,
 E referindo casos succedidos:
 Assim desta maneira appropinquando
 Se foraõ deseçados, e applaudidos.
 A' Cidade, que a todo o Mundo doma
 E edificada por Quirino, ou Roma.

XLIII.

Caminhos foraõ todos da suprema
 Providencia de Deos incomprehensivel,
 Que compoem todo o Mundo, e o governa,
 O visivel naõ só, mas o invisivel;
 Que quando na suprema mente eterna
 Ab æterno anteveyo todo o possivel,
 Ordenou seus decretos soberannos,
 Os méritos previos dos humanos.

XLIV.

Confidere o Leitor naõ ignorante
 Nos progressos das vidas destes Santos,
 E veja se achar póde semelhante
 Nos referidos casos entre tantos:
 Sómente a novelleira, e a farsante
 Industria de discretos em seus cantos,
 Para representar falsas comedias,
 Costumaõ escrever destas Tragedias.

XLV.

XLV.

Mas Deos por seus altissimos juizos
Aos seus fervos permite, e amadores
Estes successos, para que de avizos
Sirvaõ aos mais, e a elles de penhores:
Antes dos fins parecem prejuizos,
Mas depois se conhecem por favores,
Porque, para que o homem mais lhe deva,
Suas delicias tem cos filhos de Eva.

EUSTACHIDOS.

ARGUMENTO.

*Como pelo triumpho conseguido
Eustachio recusasse o sacrificio
Aos Deoses falsos, sendo conhecido,
Que de Christaõ só tinha o exercicio,
Sendo por muitas vezes combatido
Com todo o diabolico artificio,
Elle, a mulher, e os filhos padecerãõ
O martyrio, e as palmas merecerãõ,*

CANTO SEXTO.

I.

D Epois do beneficio recebido
Graças costumaõ dar-se dos humanos,
Os Christaõs ao supremo, e naõ fingido,
E outros a deoses falsos, e profanos;
Porque como lhes he bem succedido
Nos casos, onde se receaõ damnos,
Querem mostrar com sacrificios grates,
Que naõ incorrem no dezar de ingratos.

II.

Costume he este santo, e muy louvavel
Sempre seguido, e nunca despresado
Entre Orthodoxos, que no ineffavel
Deos crem, que produzio todo o creado;
Pois he taõ certo, e nunca duvidavel,
Que desta vida no decurso, e estado
Nada se move, nada se machina,
Sem que concorra a promissaõ Divina.

III.

III.

Esta razão ao Emperador Tarjano
 Fez preparar as vítimas, e offertas;
 Para offerecer agradecido, e humano
 As Deidades, que julgava certas.
 Mas eu para onde vou errado, e infano
 Por vias tão occultas, tão incertas,
 Sem recorrer a vós Rainha Santa,
 Sem cujo auxilio a minha voz não canta!

IV.

E se atè agora, Virgem bella, e pura;
 A meus principios tendes inspirado,
 Ponde a ultima mão nesta pintura,
 Para que o fim tambem seja acertado:
 A vós me chego, e pello com ternura
 Acabe bem, se bem hey começado,
 E não duvido possa alcançar isso,
 Se he para voz de agrado, e de serviço.

V.

O Emperador já tinha preparado
 Quanto para a função se requeria,
 E em sublime apparato, e levantado
 A opulencia Reyal se despendia:
 De varias partes tinha convocado
 Os Proceres com mostras de alegria,
 E as Mesquitas, e Templos redundavaõ
 Dos Principaes, que em Roma entãõ se achavaõ.

VI.

VI.

Tyro Bombix, e purpuras lhes dava
De transparentes, e diversas cores,
E a fragante Arabia tributava
Em confeiçoens de aromas seus licores;
A Panchaya tambem não se olvidava
De offerecer em copia os seus olores,
Não faltava de Ophir o metal louro,
E o Potossy rendia o seu thesouro.

VII.

Ally das meyas Luas firme estava
O roubador de Europa matizado,
E no cruento altar prezo halava
Do velocino de ouro o manso gado:
De outra parte se via, e se mostrava
O animal cerdoso maniatado,
E ardia em vasos de metal lustroso
A massa, de que sahe fumo oloroso.

VIII.

Mas como os sacrificios se fazião
Pelos successos faustos, e ditosos,
E mais, que a todos muito competião
Aos que na guerra foraõ victoriosos,
A'lem dos outros todos, que assistião,
Que na peleja foraõ mais famosos,
Eustachio foy trazido, porque a gloria
Maior tinha alcançado na victoria.

IX.

Mandou Trajano, que por render graças
 Aos deoses offrecesse alóes, e incenso,
 Que o tinhaõ protegido das desgraças,
 Que traz da guerra o fogo acezo, e intenso,
 Que alcançaria mais por estas traças
 Favor de Jano, e Marte, e todo o immenso
 Infinito processo de imbusteiras
 Deidades, que elles julgaõ verdadeiras.

X.

Mas o Santo Varaõ, que segregado
 Estava da perversa idolatria,
 E se tinha a Deos unico entregado,
 O que inda em Roma não se conhecia,
 Lhe respondeo alegre, e socegado,
 Que maleficio tal nunca faria,
 Como era venerar por soberanos
 Mentidos deoses, torpes, e profanos.

XI.

Entaõ grande tumulto, e gritaria
 Se moveo entre os povos, que ally estavaõ,
 E o colerico sangue lhes fervia
 Contra Eustachio, que a pouco tanto amavaõ:
 Já cada qual por si logo queria
 Ensanguentar as mãos no que julgavaõ
 Por rebelde, e Apostata da seita,
 Que tinhaõ para si por mais perfeita.

XII.

XII.

Mas como este negocio era importante,
 E de taõ ruidosa consequencia,
 De que passar podia mais avante
 De seus mentidos deoses a indecencia,
 E àlem disto se achava ally diante
 A respeitiva, e Reyal magnificencia,
 Quizeraõ, que Trajano só a julgasse,
 E em publico theatro o castigasse.

XIII.

O Emperador do rosto a cor mudando
 Pelos olhos faiscas disparava,
 E incendios pelos labios escumando
 Os mordia cos dentes, que trincava,
 Virou o rosto pallido, e apertando
 As maõs, que com as unhas beliscava,
 Fez com o pé estrondo taõ violento,
 Que tremeo da Mesquita o pavimento.

XIV.

Dizer palavra alguma naõ ouzava
 De iracundo, turbado, e impaciente,
 E fluctuando em iras soçobrava
 Em colerico mar de furia ardente:
 Pela razaõ pollitica julgava,
 Que fora injuria, e acçaõ muito indecente
 Ter profanado Eustachio as Deidades,
 Sem observar respeito às Majestades.

XV.

Mas tanto, que o furor, e a ira brava
 Foraõ do moto primo desfistidos,
 E já a tremula voz se desatava
 Das prizoens em que estavaõ os sentidos,
 Mandou com furia horrenda, que assombrava
 Aos Ministros tambem enfurecidos,
 Que logo em vituperios o lançassem
 Aos ferozes Leoens, que o devorassem.

XVI.

No mesmo tempo os filhos, e a conforto
 De Eustachio, que ally estavaõ já presentes,
 Com animo viril, e esforço forte
 Desprezaraõ os deoses insolentes;
 E todos juntos para a dura morte
 Foraõ deitados pelos delinquentes
 Ministros aos crueis, e tragadores
 Animaes, que alimentaõ os cruores.

XVII.

Mas os vorazes brutos, que olvidavaõ
 A sua natural ferocidade,
 Com mansidaõ alegre os festejavaõ
 A seu modo com mostras de amizade;
 E os Algozes infames, que esperavaõ
 Ver nelles a nativa feridade,
 Se assombráraõ de que naõ carniceiros,
 Mas pareciaõ ser mansos cordeiros.

XVIII.

Qual o Propheta Santo, que lançado
 Foy por orar a Deos Omnipotente
 No lago dos Leoens a ser tragado,
 Por mandado do Rey inconfidente,
 Mas sahio delles livre, e bem tratado,
 Quando o esperavaõ morto vorazmente,
 Tal Eustachio cos mais ficou izento
 Do Leonino furor, e truculento.

XIX.

Todos os que presentes isto viaõ
 Attonitos, suspensos, e pasmados,
 Erradamente legos conferiaõ
 Na causa de naõ serem devorados:
 A magica sciencia attribuiaõ
 Alguns, e outros votavaõ, que untados
 Estavaõ de hum licor de sympatia,
 Que dos Leoens a ira reprimia.

XX.

O Emperador Trajano, que mais brando,
 Vendo o prodigio, estava dos furores,
 A Eustachio reduzir imaginando
 Mais com affagos doces, que rigores,
 E juntamente vivo desejando
 Hum Heroes de tais prendas, e primores,
 A distancia trazido, que o ouvisse
 Com voz piedosa, e mansa assim lhe disse:

XXI.

XXI.

Eustachio, Eustachio amigo, quem dissera,
 Que te havia de ver em tal estado,
 E que a desgraça tão infame, e fera
 Te houvesse de trazer o teu peccado?
 Quem algum dia imaginára, ou crera,
 Que hum valente, e fortissimo soldado,
 Que tantos captivou na guerra dura
 Se deixasse vencer de huma loucura.

XXII.

Que estulticia te offende o entendimento,
 Ou que inconstancia he essa da vontade,
 Que te obriga a seguir sinistro intento
 Infano, e cego em huma escuridade?
 Errado, errado vás no pensamento,
 Perdida do juizo a claridade,
 Pois tens por Deos supremo venerado
 Hum homem, que morreo crucificado.

XXIII.

E se até agora os teus Antepassados
 Viverão sempre na Romana feita,
 Porque de juizo inteiro bem dotados
 Acháraõ, que era boa, è tão perfeita,
 Como a força de crueis, e iniquos fados
 A tua indiscriçaõ agora a engenta?
 Se hes nobre como deixas a tequellea
 Da tua illustre, e hourada parentella?

XXIV.

Esse, que tu Deos unico confessas
 (Pois tudo affirma aquelle, que he demente)
 E como tens mostrado, nunca cessas.
 De o confessar Senhor Omnipotente,
 Se he poderoso, como agora dessas
 Prizoens não pedes, que te livre, e izente,
 E se Deos he dos homens condemnado
 Como soffreo, e ser vituperado?

XXV.

Se já te tem mostrado a experiencia,
 Que nos futuros casos contingentes
 Os nossos deoses sabios com icipencia
 As noticias nos mostraõ competentes,
 Como se atreve a tua vã demencia
 A dizer, que são falsos, e insolentes,
 Não vês, que quem he Deos por natureza
 Do que hade vir só póde ter certeza?

XXVI.

Que o proposito mudes te aconselho,
 Tendo todo o Christaõ por inimigo,
 Porque segundo logo o teu conselho
 Os filhos, e a conforte hiraõ contigo;
 E eu por paga de tudo te aparelho,
 A'lem de te estimar fiel amigo,
 Para que vivas com suma opulencia
 A minha Imperial magnificencia.

XXVII.

XXVII.

Porèm se contumaz, e rebellado
 Tua sobrada infania defenderes,
 E a ley do que morreo crucificado,
 A nosssa desprezando, amar quizeres,
 Adverte, que tenho aparelhado
 Para penares, e ao depois morreres,
 Hum exquisito, e maximo tormento,
 O mais sensível, forte, e mais violento.

XXVIII.

Cessou, dicto isto, o Emperador profano,
 E Eustachio respondeo muy socegado,
 Fallas assim, sacrilego Trajano,
 Porque estás do juizo hallucinado:
 Naõ me trates por louco, e por infano,
 Sendo tu o que es cego, o que es errado,
 Porèm se he tua, ou minha esta demencia
 Hasde ter algum dia experiencia.

XXIX.

Abre os olhos, que a tanto os tens cerrado,
 Sahe desse cháos, aonde estás mettido,
 Labyrintho, em que vives intrincado,
 Abismo de cegueiras taõ tecido;
 E se quizeres ser allumiado
 Naõ tens mais, que applicares o sentido,
 Que a tua ley he tal (como apparece)
 Que a olhos vista falsa se conhece.

XXX.

Se estranhas o morrer crucificado
 O Deos, de quem a ley venero, e figo,
 Isso causou dos homens o peccado,
 Que origem teve do vedado figo:
 Quiz como compassivo assim tratado
 Ser por livrar-nos do infernal perigo,
 E como amante deo-nos por fineza,
 Communicar-se à nossa natureza.

XXXI.

E se meus pays viveraõ submergidos
 Na tua infame, e torpe idolatria,
 Bem que me peza, pois foraõ perdidos,
 E estaõ soffrendo penas, e agonia,
 Nesta parte naõ podem ser seguidos,
 Que a verdadeira luz a mim me guia,
 Nas mais acçoens condignas de louvores
 Nunca degenerey de seus primores.

XXXII.

E se nestas prisoens me tens atado,
 He porque para mais merecimento
 Do meu Deos, que morreo crucificado,
 Heide seguir os passos, e o tormento:
 Nem cuides, que naõ posso ser livrado,
 E verme dellas sojto em hum momento,
 Cujó exemplo commigo vistes quando
 Das féras o furor se tornou brando.

XXXIII.

Nem te leves das vozes ruidosas ,
 Que dentro dos teus idolos dimanaõ ,
 Dos demonios saõ todas , e enganosas ,
 Que para a eterna perdição te damnaõ :
 Se acontecido tem , que mentirozas
 Naõ saõ em casos poucos , nem enganaõ ,
 He porque por discurso o conhecerãõ ,
 Porque a sciencia infusa naõ perderãõ .

XXXIV.

Aproveita-te pois , cego Trajano ,
 Antes , que o espirito separado seja ,
 Adverte Emperador , que naõ te engano ,
 Como quem todo o bem só te deseja :
 Quando naõ para teu Inferno , e damno ,
 Onde o pezar , e a dor sempre sobeja ,
 Serás atormentado eternamente
 Como perverso , infame , e delinquente .

XXXV.

Nem cuides tenho medo a algum tormento ,
 Que em todos quero entrar com alegria ,
 Ainda que seja o mais sanguinolento ,
 Que inventar possa a humana tyrannia :
 Imita muito embora o que o cruento
 Hetrurio Mezencio lá fazia ,
 Diomedes vence no rigor infano ,
 Mostrar-te que Busiris mais tyranno .

XXXVI.

Assim fallava Eustachio consentindo
Os filhos, e a consorte com firmeza,
Porèm Trajano de furor bramindo
Largou todas as rédeas à braveza:
Sempre o esteve constrangido ouvindo,
Mas agora notando a inteireza
Das razãoens com que intrepido fallava,
Com as mãos os ouvidos soffocava.

XXXVII.

Qual Aspid pestilente, e venenoso,
De tanta astucia, e de malicia tanta,
Que os ouvidos não abre cauteloso,
Por não ouvir o som do que o encanta;
Tal o infame Emperador manhoso,
A quem a voz do Ceo turba, e espanta,
Não quiz ouvir, e recuzou malino
Orelhas dar ao Encantador Divino.

XXXVIII.

E impaciente vendo não podia
Por rigor reduzillo, ou por brandura,
E que Eustachio taõ livre respondia,
Sem attender ao medo, ou à ternura:
E juntamente o povo lhe pedia,
Que o destinasse logo à morte dura
Junto cos mais, que em tudo o acompanhavaõ,
E a Ley de Christo fortes confessavaõ.

XXXIX.

Aos Ministros mandou de feu contento,
 Verdugos Infernaes, que o sangue humano
 Tem por officio derramar cruento,
 Com Barbaro rigor, e deshumano,
 Que encerrassem os Santos no Tormento,
 Que inventar mandou Phalaris tyranno,
 Do qual experiencia fez primeiro
 O Architector, que delle foy obreiro.

XL.

A cada qual primeiro se apressáraõ
 Obedecendo ao mando mais ferino,
 E de Vulcano as chammas preparáraõ,
 Para aquentar o boy de metal fino:
 Aos Martyres ditosos encerráraõ,
 Dentro no ventre Organico, e Taurino,
 De cujo centro opaco, curvo, e bronco
 Todo o gemido sahe bramido ronco.

XLI.

Ally cantando a Deos suaves hymnos
 Com voz alegre, clara, e sonora,
 Entre louvores santos, e divinos
 Acabáraõ a vida gloriosa:
 Seus corpos saõs, e muito crystallinos,
 Sem que se velle macula nojosa
 De alguns Christaõs dally foraõ levados,
 E em lugares decentes collocados.

XLII.

Santos bemsditos, que tambem soubestes
 Desprezar esta vida só de enganoso,
 E com valor heroyco padecestes
 Penas tantas, tormentos taõ tyrannos,
 Aquillo, que no Mundo cá fizestes
 Hade lembrar até o fim dos annos,
 Nem as vossas virtudes esquecidas
 Ficarão, mas em bronzes esculpidas.

XLIII.

Lá nesse Ethereo assento, a que subistes
 Casa de Deos aos justos só condina,
 Onde por vossos meritos possuistes
 Da Beata visaõ clara, e Divina,
 Intercedey vos pesso pelos tristes
 Peccadores submersos na carina
 De tantos vicios torpes, e Mundanos,
 Que só navegaõ para eternos damnos.

XLIV.

E em beneficio de vos ter cantado
 Vossas virtudes com affecto ardente,
 Se naõ quanto pedia o sublimado
 Objecto, quanto póde a rude mente,
 E que me tenhais vos rogo por lembrado
 Lá diante de Deos pio, e clemente,
 Para que alcance a desejada fórte
 No artigo final de minha morte.

XLV.

Olhay, que vivo neste Labyrintho,
Mundano abyſmo prezo, e enredado,
Continuamente denegrado, e tinto
Com as enormes manchas do peccado:
Nem, Santos meus gloriosos, em mim ſinto
Hum espirito forte, e agigantado,
Para que fuja de qualquer perigo
Das enganofas manhas do inimigo.

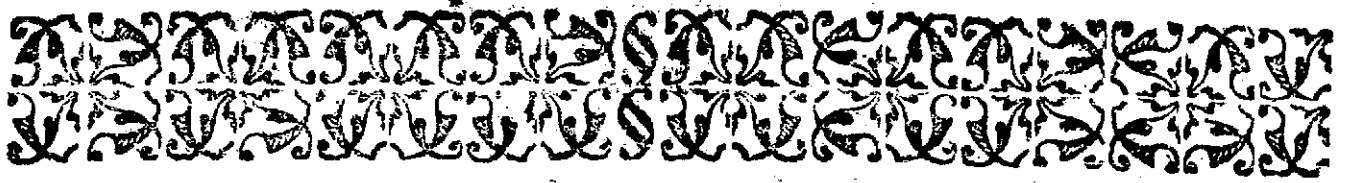
LXVI.

E vós minha Advogada, e Padroeira,
Que os fervos vossos tendes amparado,
Espero, que sejais minha Terceira
Para com vosſo Filho, e Deos amado;
Porque aſſim acabada eſta carreira,
Quando o corpo for da alma ſeparado,
Poſſa, tendo huma em vós firme eſperança,
Chegar ao porto com feliz bonança.

PROTESTAÇÃO DA FE'.

DA Igreja Catholica Romana,
 Que ao pobre Pescador foy entregada,
 E com virtude sempre soberanna
 He por Pastores muitos conservada,
 Que o inimigo cruel da gente humana
 Sempre firme verá, sempre exaltada,
 Tudo quanto disser nesta escriptura
 Como Christão fiel dou à censura.

DESCRIPÇÃO
DA
ILHA DE ITAPARICA,
TERMO DA CIDADE
DA
BAHIA,
DA QUAL SE FAZ MENÇAM
NO CANTO QUINTO.



CANTO HEROICO.

I.



CANTAR procuro, descrever intento
Em hum Heroico verso, e sonoro
Aquella que me deo o nascimentó,
Patria feliz, que tive por ditoso:

Ao menos co-este humilde rendimento
Quero mostrar lhe sou affectuoso,
Porque he de animo vil, e fementido
O que à Patria não he agradecido.

II.

Se nasceste no Ponto, ou Libya ardente,
Se no Pindaso viste a aura primeira,
Se nos Alpes, ou Ethna comburente
Principio houveste na vital carreira,
Nunca queiras, Leytor, ser delinquente,
Negando a tua Patria verdadeira,
Que assim mostras herdaste venturoso
Animo heroico, peito generoso.

III.

Musa, que no florido de meus annos
Teu furor tantas vezes me inspiraste,
E na idade, em que vem os defenganos
Tambem sempre fiel me acompanhaste,
Tu, que influxos repartes soberanos
Desse monte Helicon, que já pizaste,
Agora me concede o que te pello,
Para seguir seguro o que começo.

IV.

Em o Brazil Provincia desejada
 Pelo metal luzente, que em si cria,
 Que antigamente descuberta, e achada
 Foy de Cabral, que os mares descorria,
 Perto donde está hoje cituada
 A oppulenta, e illustrissima Bahia,
 Jaz a Ilha chamada *Itaparica*,
 A qual no nome tem tambem ser rica.

V.

Está posta bem defronte da Cidade,
 Só tres legoas distante, e os moradores
 Daquella a esta vem com brevidade,
 Se não faltaõ do Zephiro os favores;
 E ainda quando com ferocidade
 Eolo está mostrando os seus rigores,
 Para a Corte navegaõ, sem que cessem;
 E parece, que os ventos lhe obedecem.

VI.

Por huma, e outra parte rodeada
 De Neptuno se vê taõ arrogante,
 Que algumas vezes com porcella irada
 Infia o melancolico semblante;
 E como a tem por sua, e taõ amada,
 Por lhe pagar fiel fóros de amante,
 Muitas vezes tambem serenamente
 Tem encoestado nella o seu Tridente.

VII.

Se a Deosa Cytherea conhecera
Desta Ilha celebrada a formosura,
Eu fico, que a Neptuno promettera
O que a outros negou cruel, e dura:
Então de boamente lhe offerecera
Entre incendios de fogo a neve pura,
E se de alguma sorte a alcançára
Por esta a sua Chypre desprezára.

VIII.

Pela costa do mar a branca areia
He para a vista objecto delicioso,
Onde passeia a Ninpha Galatea
Com acompanhamento numeroso;
E quando mais galante se recrea
Com aspecto gentil, donaire ayroso,
Começa a semear das roupas bellas
Conchinhas brancas, ruivas, e amarellas.

IX.

Aqui se cria o peixe copioso,
E os vastos pescadores em fáveiros
Não receando o Elemento undoso,
Neste exercicio estão dias inteiros;
E quando Aquilo, e Boreas procelloso
Com furia os acomette, elles ligeiros
Colhendo as vélas brancas, ou vermelhas
Se accomodaõ cos remos em parellas.

X.

Neste porèm maritimo regalo
 Huns as redes estendem diligentes,
 Outros com força, industria, e intervallo
 Estaõ batendo as ondas transparentes:
 Outros n'outro baixel sem muito abalo
 Levantaõ cubiçosos, e contentes
 Huma rede, que chamaõ Zangarea
 Para os saltantes peixes forte tea.

XI.

Qual a aranha sagaz, e ardilosa
 Nos ares fóрма com subtil fio
 Hum labyrintho tal, que a cautelosa
 Mosca nelle ficou sem alvedrio,
 E assim com esta mancha industriosa
 Da misera vem ter o senhorio,
 Taes saõ com esta rede os pescadores
 Para prender os mudos nadadores.

XII.

Outros tambem por modo differente,
 Tendo as redes lançadas em hum feyo,
 Nas coroas estaõ postos firmemente,
 Sem que tenhaõ do pelago receyo:
 Cada qual puxa as cordas diligente,
 E os peixes vaõ fugindo para o meyo,
 Té que aos impulsos do robusto braço
 Vem a colher os miseros no laço.

XIII.

Nos baixos do mar outros tarrafando,
Alerta a vista, e os passos vagarosos,
Vão huns pequenos peixes apanhando,
Que para o gosto são deliciosos:
Em canoas também de quando em quando
Filgaõ no anzol alguns, que por golosos
Ficaõ perdendo aqui as proprias vidas,
Sem o exemplo quererem ter de Midas.

XIV.

Aqui se acha o marisco saboroso,
Em grande copia, e de casta varia,
Que para saciar ao appetitoso,
Naõ se duvida he cousa necessaria:
Tambem se cria o lagostim gostoso,
Junto co a ostra, que por ordinaria
Naõ he muito estimada, porèm antes
Em tudo cede aos polvos radiantes.

XV.

Os camarões naõ fiquem esquecidos,
Que tendo crús a cor pouco vistosa,
Logo vestem depois, que são cozidos
A cor do nacar, ou da Tyria rosa:
Os cranguejos nos mangues escondidos
Se mariscaõ sem arte induffriosa,
Buzios também se vêm de musgo, cujos
Sernambis, mexilhoens, e caramujos.

XVI.

XVI.

Tambem pertence aqui dizer oufado
 Daquelle peixe, que entre a fauce escura
 O Propheta tragou Jonas sagrado,
 Fazendo-lhe no ventre a sepultura;
 Porèm sendo do Altissimo mandado,
 O tornou a lançar saõ sem lesura
 (Conforme nos affirma a Antiguidade)
 Em as prayas de Ninive Cidade.

XVII.

Monstro do mar, Gigante do profundo;
 Huma torre nas ondas soçobrada,
 Que parece em todo o ambito rotundo
 Já mais besta taõ grande foy creada:
 Os mares despedaça foribundo
 Co a barbatana às vezes levantada,
 Cujos membros teterrimos, e broncos
 Fazem a Thetis dar gemidos roncous.

XVIII.

Balêa vulgarmente lhe chamamos;
 Que como só a esta Ilha se sujeita,
 Por isso de direito a naõ deixamos,
 Por ser em tudo a descripção perfeita;
 E para que bem claro precebamos
 O como a pescaria della he feita,
 Quero dar com estudo naõ ocioso
 Esta breve noticia ao curioso.

XIX.

Tanto que chega o tempo decretado,
Que este peixe do vento Austro he movido;
Estando à vista de Terra já chegado,
Cujos signais Neptuno dá ferido,
Em hum porto desta Ilha assignalado,
E de todo o preciso prevenido,
Estão humas lanchas leves, e velleiras,
Que se fazem cos remos mais ligeiras.

XX.

Os Nautas são Ethiopes robustos,
E outros mais do sangue misturado,
Alguns Mesticos em a cor addustos,
Cada qual pelo esforço assignalado:
Outro ally vay tambem, que sem ter sustos
Leva o harpaõ da corda pendurado,
Tambem hum, que no officio a Glauco offusca;
E para isto Brasilo se busca.

XXI.

Assim partem intrépidos sulcando
Os palacios da linda Panopêa,
Com cuidado sollicito vigiando
Onde resurge a sólida Balêa.
Oh gente, que furor taõ execrando
A hum perigo tal te sentencea?
Como pequeno bicho hes atrevido
Contra o monstro do mar mais desmedido?

XXII.

Como não temes ser despedaçado
 De hum animal tão feyo, e tão immundo?
 Porque queres ir ser precipitado
 Nas intimas entranhas do profundo?
 Não temes, se he que vives em peccado,
 Que o Creador do Ceo, e deste Mundo,
 Que tem dos mares todos o governo,
 Desse lago te mande ao lago Averno?

XXIII.

Lá intentáraõ fortes os Gigantes
 Subir soberbos ao Olympo puro,
 Acommetteraõ outros de ignorantes
 O Reyno de Plutaõ horrendo, e escuro;
 E se estes atrevidos, e arrogantes
 O castigo tiveraõ grave, e duro,
 Como não temes tu ser castigado
 Pelos monstros tambem do mar salgado?

XXIV.

Mas em quanto com isto me detenho,
 O temerario risco admoeftando,
 Elles de cima do ligeiro lenho
 Vaõ a Balêa horrivel avistando:
 Pegaõ nos remos com forçoso empenho,
 E todos juntos com furor remando
 A seguem por detraz com tal cautella,
 Que imperceptiveis chegaõ junto della.

XXV.

O harpaõ farpado tem nas mãos suspenso
Hum, que da proa o vay arremeçando,
Todos os mais deixando o remo extenso
Se vaõ na lancha subito deitando;
E depois, que ferido o peixe immenso
O veloz curso vay continuando,
Surge cad'hum com furia, e força tanta,
Que como hum Anteo forte se levanta.

XXVI.

Corre o monstro com tal ferocidade,
Que vay partindo o humido Elemento,
E lá do pego na concavidade
Parece mostra Thetis sentimento:
Leva a lancha com tal velocidade,
E com taõ apressado movimento,
Que cá de longe apenas apparece,
Sem que em alguma parte se escondesse.

XXVII.

Qual o ligeiro passaro amarrado
Com hum fio subtil, em cuja ponta
Vay hum papel pequeno pendurado,
Voa veloz sentindo aquella afronta,
E apenas o papel, que vay atado
Se vê pela presteza, com que monta,
Tal o peixe affrontado vay correndo
Em seus membros atada a lancha tendo.

XXVIII.

Depois, que com o curso dilatado
 Algum tanto já vay desfalecendo,
 Elles entaõ, com força, e com cuidado
 A corda pouco a pouco vaõ colhendo;
 E tanto que se fente mais chegado
 Ainda com furia os mares combatendo,
 Nos membros molles lhe abre huma rotura
 Hum novo Achilles c'hua lança dura.

XXIX.

Do golpe sahe de sangue huma espadana,
 Que vay tingindo o Oceano ambiente,
 Com o qual se quebranta a furia insania
 Daquelle horrivel peixe, ou besta ingente;
 E sem que pela plaga Americana
 Passado tenha de Israel a gente,
 A experiencia, e vista certifica,
 Que he o mar vermelho o mar de Itaparica.

XXX.

Aos repetidos rasgos desta lança
 A vital aura vay delamparando,
 Té que fenece o monstro sem tardança,
 Que antes andava os mares açoutando:
 Elles puxando a corda com pujança
 O vaõ da lancha mais perto arrastando,
 Que se lhe fiou Cloto o longo fio,
 Agora o colbe Lachesis com brio.

XXXI.

Bis agora tambem no mar saltando
O que de Glauco tem a habilidade,
Com hum agudo ferro vay furando
Dos queixos a voraz monstruosidade:
Com hum cordel depois grosso, e não brando
Da boca cerra-lhe a concavidade,
Que se o mar forve no gafnate fundo
Busca logo as entranhas do profundo.

XXXII.

Tanto que a preza tem bem sojugada
Hum signal branco lançaõ victoriosos,
E outra lancha para isto decretada
Vem soccorrer com cabos mais forçosos:
Huma, e outra se parte emparelhada,
Indo a véla, ou cos remos furiosos,
E pelo mar serenas navegando
Para terra se vão endireitando.

XXXIII.

Cada hum se mostra no remar constante,
Se lhe não tem o Zephiro assoprado,
E com fadigas, e suor bastante
Vem a tomar o porto desejado.
Deste em espaço não muito distante,
Em o terreno mais accomodado
Huma Trufatil machina está posta
Só para esta função aquy deposta.

XXXIV.

XXXIV.

O pê surge da terra para fóra
 Huma versatil roda sustentando,
 Em cujo ambito longo se encofcora
 Huma amarra, que a vay arrodando:
 A esta mesma roda cá de fóra
 Homens dez vezes cinco estaõ virando,
 E quanto mais a corda se repucha,
 Tanto mais para a terra o peixe puxa.

XXXV.

Assim com esta industria vaõ fazendo,
 Que se chegue ao lugar determinado,
 E as enchentes Neptuno recolhendo,
 Vaõ sobindo por hum, e outro lado:
 Outros em borbotaõ já vem trazendo
 Facas luzidas, e o braçal machado,
 E cada qual ligeiro se aparelha
 Para o que seu officio lhe aconselha.

XXXVI.

Assim dispostos huns, que Africa cria,
 Dos membros nús, o couro denegrado,
 Os quaes queimou Phaeton, quando descia
 Do terrífico rayo submergido,
 Com algazarra muita, e gritaria,
 Fazendo os instrumentos graõ ruido,
 Huns aos outros em ordem vaõ seguindo,
 E os addiposos lombos dividindo.

XXXVII.

XXXVII.

O povo, que se ajunta he infinito,
E ally tem muitos sua dignidade,
Os outros vem do Comarcaõ destrito,
E despovaõ parte da Cidade:
Retumba o ar com o continuo grito,
Soa das penhas a concavidade,
E entre elles todos tal furor se accende,
Que às vezes hum ao outro não se entende.

XXXVIII.

Qual em Babel o povo, que atrevido
Tentou subir ao Olympo transparente,
Cujos idiomas proprio pervertido
Foy n'hum confusaõ balbuciente,
Tal nesta torre, ou monstro desmedido
Levanta as vozes a confuza gente,
Que seguindo cad'hum diverso dogma
Fallar parece entãõ noutro idioma.

XXXIX.

Desta maneira o peixe se reparte
Por toda aquella cobiçosa gente,
Cabendo a cada qual aquella parte,
Que lhe foy assignada do regente:
As banhas todas se depoem à parte,
Que juntas formaõ hum acervo ingente,
Das quaes se faz azeite em grande copia,
Do que esta Terra não padece inopia.

XL.

Em vasos de metal largos, e fundos
 O estão com fortes chammas derretendo
 De huns pedaços pequenos, e fecundos,
 Que o fluido licor vão escorrendo:
 São huns feyos Ethiopes, e immundos,
 Os que estão este officio vil fazendo,
 Cujos membros de azeite andaõ untados,
 Daquellas cirandagens salpicados.

XLI.

Este peixe, este monstro agigantado
 Por ser taõ grande tem valia tanta,
 Que o valor, a que chega costumado
 Até quasi mil aureos se levanta.
 Quem de ouvir tanto não sahe admirado?
 Quem de hum peixe taõ grande não se espanta?
 Mas em quanto o Leitor fica pasmando,
 Eu vou diversas cousas relatando.

XLII.

Em hum extremo desta mesma Terra
 Está hum fórte soberbo fabricado,
 Cuja bombardas, ou machina de guerra
 Abala a Ilha de hum, e outro lado:
 Taõ grande fortaleza em si encerra
 De artilharia, e esforço taõ sobrado,
 Que retumbando o bronze furibundo
 Faz ameação á terra, ao mar, ao Mundo.

XLIII.

XLIII.

Naõ ha nesta Ilha engenho fabricado
Dos que o assucar fazem laboroso,
Porque hum, que ainda estava levantado
Fez nelle o seu officio o tempo iroso:
Outros houve tambem, que o duro fado
Por terra pôs cruel, e rigoroso,
E ainda hoje hum, que foy mais soberano
Pendura as cinzas por painel Troyano.

XLIV.

Claras as agoas faõ, e transparentes,
Que de si manaõ copiosas fontes,
Humas regaõ os vales adjacentes,
Outras descendo vem dos altos montes;
E quando com seus rayos refulgentes,
As doura Phebo abrindo os Orizontes,
Taõ chrystallinas faõ, que aqui diffusa
Parece nasce a fonte de Arethusa.

XLV.

Pela relva do campo mais viçoso
O gado junto, e pingue anda pastando,
O roubador de Europa furioso,
E o que deo o véo de ouro em outro bando;
O bruto de Neptuno generoso
Vay as areas soltas levantando,
E nos bosques as féras Acteonêas
A Republica trilhaõ das Napêas.

XLVI.

Aqui o campo florido se semea
 De brancas affucenas, e boninas,
 Alli no prado a rosa mais franquea
 Olorifando as horas matutinas:
 E quando Cloris mais se galantea,
 Dando da face exalaçoens divinas,
 Dos ramos no regaço vay colhendo
 O clavel, e o jasmim, que está pendendo.

XLVII.

As frutas se produzem copiosas,
 De varias castas, e de varias cores,
 Humas se estimaõ muito por cheirofas,
 Outras levaõ ventagem nos sabores:
 Saõ taõ bellas, taõ lindas, e formosas,
 Que estaõ causando à vista mil amores,
 E se nos prados Flora mais blasona,
 Saõ os pomares gloria de Pomona.

XLVIII.

Entre ellas todas tem lugar subido
 As uvas doces, que esta Terra cria,
 De tal fórte, que em numero crescido
 Participa de muitas a Bahia:
 Este fruto se gera appetecido
 Duas vezes no anno| sem profia,
 E por isso he do povo celebrado,
 E em toda a parte sempre nomeado.

XLIX.

Os coqueiros compridos, e vistosos
Estão por recta serie ally plantados,
Criaõ cocos galhardos, e formosos,
E por maiores são mais estimados:
Produzem-se nas prayas copiosos,
E por isso os daqui mais procurados,
Cedem na vastidaõ à bananeira,
A qual cresce, e produz desta maneira.

L.

De huma lança ao tamanho se levanta,
Estupeo, e roliço o tronco tendo,
As lizas folhas tem grandeza tanta,
Que atè mais de onze palmos vão crescendo;
Da raiz se lhe erige nova planta,
Que está o parto futuro promettendo,
E assim, que o fruto lhe sanosa, e cresce,
Como das plantas vibora fenece.

LI.

Os limoens doces muito appetecidos
Estão Virgineas tetas immitando,
E quando se vem crespos, e crescidos
Vão as mãos curiosas incitando:
Em arvores copadas, que estendidos
Os galhos tem, e as ramas arrastando
Se produzem as cidras amarellas,
Sendo taõ presumidas, como bellas.

LII.

A laranjeira tem no fruto louro
 A' imitação dos pomos de Atalanta ;
 E pela cor , que em si conserva de ouro
 Por isso estimação merece tanta :
 Abre a romã da calca o seu thesouro ,
 Que do ruby a cor flammante espanta ,
 E quanto mais os bagos vay fendendo ,
 Tanto vay mais formosa parecendo .

LIII.

Os melloens excellentes , e olorosos
 Fazem dos proprios ramos galaria :
 Tambem estende os seus muito viçosos
 A pevidosa , e doce melancia :
 Os figos de cor roxa graciosos
 Poucos se lograõ , salvo se à profia
 Se defendem de que com os biquinhos
 Os vaõ picando os leves passarinhos .

LIV.

No ananaz se vê como formada
 Huma coroa de espinhos graciosa ,
 A superficie tendo matizada
 Da cor , que Cytherea deo à rosa ;
 E sustentando a croa levantada
 Junto co a vestidura decorosa ,
 Está mostrando tanta gravidade ,
 Que as frutas lhe tributaõ Magestade .

LV.

Tambem entre as mais frutas as jaqueiras
Daõ pelo tronco a jaca adocicada,
Que vindo lá de partes estrangeiras
Nesta Provincia he fruta desejada:
Naõ fiquem esquecidas as mangueiras,
Que daõ a manga muito celebrada,
Pomo naõ só ao goſto delicioso,
Mas para o cheiro almiscar oloroso.

LVI.

Innumeraveis faõ os cajús bellos,
Que estaõ dando prazer por rubicundos,
Na cor tambem há muitos amarellos,
E huns, e outros ao goſto faõ jucundos;
E só bastava para appetecellos
Serem além de doces taõ fecundos,
Que em si tem a Brasilica castanha
Mais faborosa, que a que cria Hespanha.

LVII.

Os arassás diversos, e silvestres,
Huns faõ pequenos, outros faõ maiores:
Oytís, cajás, pitangas por agrestes
Estimadas naõ faõ dos moradores:
Aos marcuías chamar quero celestes,
Porque contêm no goſto tais primores,
Que se os Antigos na Asia os encontráraõ,
Que era o neectar de Jove imagináraõ.

LVIII.

LVIII.

Outras frutas differa, mas agora
 Tem lugar os legumes saborosos,
 Porém por não fazer nisto demora
 Deixo esta explicação aos curiosos;
 Mas com tudo dizer quero por hora,
 Que produz esta Terra copiosos
 Mandioca, inhames, favas, e carás,
 Batatas, milho, arroz, e mangarás.

LIX.

O arvoredado desta Ilha rica, e bella
 Em circuito toda a vay ornando,
 De tal maneira, que só basta vella
 Quando já está alegrias convidando:
 Os passarinhos, que se criaõ nella
 De raminho em raminho andaõ cantando,
 E nos bosques, e brenhas não se engana
 Quem exercita o officio de Diana.

LX.

Tem duas Freguezias muito extensas;
 Das quaes huma Matriz mais soberanna
 Se dedica ao Redemptor, que a expensas
 Do seu Sangue remio a prole humana;
 E ainda, que do tempo finta offensas
 A devoção com ella não se engana,
 Porque tem huma Imagem milagrosa
 Da Santa Vera Cruz para ditosa.

LXI.

A Santo Amaro a outra se dedica,
 A quem veneraçcens o povo rende,
 Sendo taõ grande a Ilha *Itaparica*,
 Que a huma só Parochia naõ se estende:
 Mas com estas Igrejas só naõ fica,
 Porque Capellas muitas comprehende,
 E nisto mostraõ seus habitadores
 Como dos Santos saõ veneradores.

LXII.

Dedica-se a primeira àquelle Santo
 Martyr, que em vivas chammass foy afflito,
 E ao Tyranno causou terror, e espanto,
 Quando por Christo foy assado, e frito.
 Tambem naõ fique fóra de meu canto
 Huma, que se consagra a Joaõ bemdito,
 E outra (correndo a Costa para baxo)
 Que à Senhora se dá do Bom Despacho,

LXIII.

Outra a Antonio Santo, e glorioso
 Tem por seu Padroeiro, e Advogado,
 Está fundada n'hum sitio delicioso,
 Que por esta Capella he mais amado.
 Em hum terreno, alegre, e gracioso
 Outra se fabricou de muito agrado,
 Das Mercês à Senhora verdadeira
 He desta Capellinha a Padroeira.

LXIV.

LXIV.

Tambem outra se vê, que he dedicada
A' Senhora da penha milagrosa,
A qual ayrosamente situada
Está n'hum planicie especiosa.
Huma tambem de São José chamada
Ha nesta Ilha por certo gloriosa,
Junto com outra de João, que sendo
Duas, se vay de todo engrandecendo.

LXV.

Atè aquy Muza, não me he permittido,
Que passe mais avante a veloz penna,
A minha Patria tenho definido
Com esta descripção breve, e pequena;
E se o tella tão pouco engrandecido
Não me louva, mas antes me condemna,
Não usey termos de Poeta esperto,
Fuy hystoriador em tudo certo.

F I M.

